

Márcio Sno
apresenta

A PRIMEIRA VEZ



Márcio Sno
Organizador

A PRIMEIRA VEZ



Marca de Fantasia
Paraíba, 2020

A primeira vez
Márcio Sno - organizador
Série Tertúlia, 2 - 2020



Marca de Fantasia
Rua Maria Elizabeth, 87, apt. 407
João Pessoa, Paraíba. Brasil. 58045-180
<https://www.marcadefantasia.com>
marcadefantasia@gmail.com



marciosno@gmail.com
redes sociais: @marciosno

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB; Alberto Pessoa - UFPB;
Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP; Gazy Andraus - UFG;
Heraldo Aparecido Silva - UFPI; José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN;
Marcos Nicolau - UFPB; Marina Magalhães - UFCG; Nilton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB.

Capa: H. Magalhães

Imagem da capa captura de frame do filme “Verão de 42” (Summer of ’42 – EUA, 1971, Warner Bros.), de Robert Mulligan. Edição da imagem por Rogério Alves.

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-06-5

A imagens que ilustram essa publicação - inclusive a capa - são frames capturados do filme “Verão de 42” (Summer of '42 – EUA, 1971, Warner Bros.), de Robert Mulligan, com Jennifer O'Neill e Gary Grimes. A edição das imagens foi realizada por Rogério Alves.

Os conteúdos dos textos são de responsabilidade dos seus respectivos autores, não representando a opinião do editor e demais colaboradores.

Alguns nomes de personagens e autores foram trocados por vontade dos colaboradores.

A reprodução desse material é autorizada desde que mantido seu conteúdo, dado crédito aos respectivos autores e citação da fonte.

Este livro reproduz a edição do fanzine homônimo publicado por Márcio Sno Produções em São Paulo, outono de 2017.

Depois do primeiro oi

Do tudo possível.

Inclusive, ais.

Ni Brisant

Sumário

Noite de desejos - Odair José	8
Sempre é a primeira vez - Fabio Maciel	10
Uma história ditosa - Márcio Sno	12
Use camisinha - Nicolás Nardi	16
Então é assim? - Wallace “The Wall” Nunes	18
Essência da noite - Henrique Magalhães	21
Quase foi... - Charles de Andrade	25
Elisa - Roberto Gotts	29
A primeira noite de um homem (travestido de mulher)	
- Julie Albuquerque	32
A primeira tarde de um homem - Ricláudio Jr.	39
Atrasado (ou na hora certa) - Jeison Placinsch	41
Nos braços de Nuit - Leandro Ramos	45
Verão de 93 - Marco Fé	56
A primeira noite de um homem - Miram Naej	59
O quinto andar - Rafael Brandão	63
Três histórias sobre a perda da virgindade	
- Fabio da Silva Barbosa	72

Cama de pedra - Santiago	77
Chumbo trocado - Tony Guerra	83
A primeira vez - Roberto Gotts	91
Desejo e vício - Solano Gualda	94
Anos de preparação - Márcio Sno	100
Existe vida depois da primeira? - Jeann Marcus Gomes Vieira	105

Odair José

A primeira vez que eu te amei
eu sinceramente não pensei
ficasse tão apaixonado

Eu não queria me prender
eu só tentava esquecer
um romance do passado

E foi então que aconteceu
mais uma vez o amor nasceu
eu tinha medo e não queria

Mas meu desejo foi maior
e eu que andava sempre só
fiz de você minha alegria

De repente você diz que vai embora
e eu tenho que aceitar
Foi esse nosso trato
amor sem compromisso
e sem hora pra acabar

Foi com você, meu bem
que tanta coisa eu aprendi

Meu desejo era tanto que eu não sabia
nem mesmo o que falar
O meu corpo esquentava, eu tremia
de tanto me guardar

Tanto tempo a gente fica esperando
um amor assim nascer
E quando ele chega a gente sente medo
e nem sabe o que fazer

Noites de desejos, noites de mil beijos
momentos que eu também vivi
Foi naquela noite a primeira vez
e eu nunca esqueci

A canção “Noite de Desejos” é a faixa 2 do lado A do disco *Lembranças*, de Odair José, lançado pela Polydor em 1974. Essa música foi a luz para a idealização do fanzine que originou esse livro.

Sempre é a primeira vez

Fabio Maciel

Como falar da primeira vez? Porra! Tô com quase quarenta anos! Quarenta! Minha primeira vez ficou lá atrás, na seção da memória reservada para os momentos desajeitados. E memória é aquilo, sabe, só lembramos as coisas boas, né? Quem quer falar dos seus momentos desgraçados? A verdade é que ninguém sabe o que fazer na primeira vez. Pode pegar dicas com um amigo mais experiente, ver filmes, revistinhas, imaginar, nada te prepara para a primeira vez. Podemos até agir como se estivesse tudo bem; como se estivéssemos no controle; mas não é o caso. Estamos desorientados, sim. E depois do ato, ufa! O olhar meio sem graça de será-que-fiz-certo. Mas faz de conta que tá tudo bem e segue. Ou tenta, pois adolescente é cruel. Adolescente conta as tuas derrotas. Adolescente bota pilha. Fala mal. Que beija assim ou assado. Fala que não sabe fazer. Fala que tu era virgem. E moleque liga pra essas coisas; pra pilha errada. Mas depois desse tempo todo, com quase quarenta anos (quarenta!), cheguei à conclusão de que sempre é a primeira vez... Quero dizer que toda vez que saio com alguém é como se fosse a primeira vez: é o não saber o que falar; é despir-se sem jeito (encolhendo a barriga); tudo com muita cautela para tentar fazer certo... Porra! Não consigo achar o

buraco. Nunca acho. Elas sempre guiam. Sempre! Carla, Maria, Julia, Ana, Carine, Rita, Isabelle, Lúcia, a outra Maria... Elas nunca reclamaram. Acho que para elas é como se fosse a primeira vez também. Também estão envergonhadas e desajeitadas. Por sorte, sempre tem tevê a cabo no motel.

Márcio Sno

Dias após anunciar secretamente para alguns amigos a proposta de lançar um zine com relatos sobre perda de virgindade, recebi na minha caixa de correio uma carta anônima. Lacrada com tanta cola que utilizei um método quase cirúrgico para acessar a carta, sem destruir o seu conteúdo.

O autor parecia ter urgência em tornar público o seu relato, pela escrita dura e aparentemente rápida com a qual escreveu. Antes da história, havia um pequeno recado: “Soube do seu zine e faço questão que publique minha história. Obrigado”.

Confesso que fiquei intrigado. Não adiantava olhar aos arredores da rua, pois só abri a missiva meia hora depois de a ter recolhido na caixa de correspondências.

A história é, de fato, surpreendente e não titubeei publicá-la nesse impresso. Então, as próximas linhas ficam por conta desse colaborador misterioso.

Naqueles dias de dezembro tudo era meio confuso pra aquele menino de 11 anos: as coisas estavam mudando depressa, o corpo pare-

cia dizer algo, os primeiros pelos, as ereções matinais... O fato é que, com as mudanças, vinham muitas dúvidas...

Eu me sentia mais calado e observador. Era o mundo novo que eu começava, digo, era um mundo novo me empurrado pra fazer parte.

Um dia, ao chegar do colégio (sempre ficava em recuperação), fiz o de sempre: entrei em casa, fui direto pro quarto e entrei no banheiro pra mijar e tirar a farda. Enquanto levantava a cueca percebi que tinha alguém no quarto. A surpresa veio em um rosto desconhecido de uma menina que devia ter mais ou menos a mesma idade que eu. Ela me olhou, sorriu e saiu.

Fiquei muito envergonhado, mas gostei do jeito que ela me olhou e riu. Coloquei um short, uma camisa e saí. Fiquei em silêncio dentro da casa procurando aquele rosto. Quando cheguei na cozinha, a vi do lado da mãe dela que conversava com a minha.

Ela tinha vindo da fazenda e sua mãe iria ajudar a minha nos afazeres da casa. Ela ficou em silêncio por eu ser estranho. Mas eu não sentia mais vergonha. Não falamos nada, apenas observamos nossas mães falarem.

Depois do almoço, fui para o quintal. Gostava de subir no pé de manga, era o lugar mais tranquilo da casa. Naquele dia eu não pensava em outra coisa, só na menina nova. E não demorou muito e ela apareceu, talvez me procurando...

Assobiei. Ela olhou e ficou procurando de onde vinha.

– Aqui!... Aqui em cima!

Desci e a ajudei a subir. Era a primeira vez que eu abria espaço pra outra pessoa naquela árvore. Nem sei de onde veio tanto assunto! Ficamos quase a tarde toda lá. Ela desceu primeiro e eu fiquei mais um pouco.

Era comum tomar banho no final da tarde, pra jantar limpo. Desci e fui buscar minha toalha estendida no varal do outro lado. Ouvi o chuveiro do quartinho ligado. Era o quartinho dos fundos, perto da garagem. Não resisti e fui olhar. A porta estava encostada e foi só empurrar um pouco pra entrar: era ela tomando banho! Fiquei paralisado, assistindo... Ela tomou um susto quando me viu. Pensei em sair, mas ela riu e fez um sinal me chamando pra entrar no chuveiro também. Fiquei com vergonha porque eu já tava de pau duro. Ela veio e me puxou: entrei de roupa e tudo...

Foi ela que baixou meu short. Desligou o chuveiro e a gente foi pro outro lado onde ficava o tanque de lavar roupa. Sem falar nada, ela foi me mostrando onde eu devia meter e foi encaixando bem direitinho.

Ela começou a fazer o movimento e logo me deixou controlar o ritmo. Sei nem dizer o que senti: aquilo era muito bom! Ela já sabia muito, mesmo sendo só um ano mais velha. A gente tava tão ligado no que tava fazendo que nem percebeu que alguém tinha visto... Meu pai!

Nem sei quanto tempo durou. Na verdade, quando saí já tava escurecendo. Entrei caladinho e fui direto pro quarto, entrei no banheiro, tomei banho e saí.

Aí meu pai me chamou na garagem. Quando cheguei ele disse:

– Aqui é mais seguro, visse?!

E eu me fazendo de desentendido:

– O quê?

– Ali no tanque tua mãe pode ver. Quando tu quiser brincar com a menina, traga ela pra cá que ninguém vai ver, tá certo?

Caraio! Eu num sabia onde enterrar a cabeça! Ele só disse: “tá certo?!” E eu respondi:

– Sim, senhor!

Ele passou a mão na minha cabeça e voltou pra dentro de casa. E a gente nunca mais falou disso.

A menina ficou lá em casa só até o final de janeiro, depois voltou pra fazenda.



Nícolas Nardi

a primeira noite de um homem
é escura
sem abajur
luz de velas
uma cegueira temporária
uma luz apagada no fim do túnel
é uma expectativa
a inauguração do novo museu no centro da cidade
a segunda a terceira e a centena vai ser igual
mas a primeira noite
é um marco
o lançamento do novo iphone que é igualzinho ao anterior
mas esse a tela tem outro tamanho o carregador mudou e a câmera
parece que é melhor
é o homem pisando na lua
a derrubada do muro de Berlim
a primeira noite de um homem
nem precisa ser de noite
pode ser de dia

meio dia
almoço
café da tarde
a primeira noite de um homem tem plateia aplaudindo
mesmo que não tenha plateia
igual as séries americanas
as risadas de fundo que ninguém sabe de quem é
a primeira noite de um homem é uma carta de suicídio enviada pra si
mesmo
o carteiro que acha o corpo morto na banheira
a primeira noite de um homem é triste
e a gente chora
porque todas as crianças choram
na primeira vez que nascem



Wallace “The Wall” Nunes

O suor brotava na minha testa, as mãos tremiam levemente, eu olhava desconfiado para todos os lados, estava muito nervoso. A fila parecia não andar, aquilo me fazia ter medo que alguém pudesse ver o que eu tinha nas mãos. Por esse motivo, escondia com o maior cuidado na mão esquerda pois, desse lado, havia um balcão e ninguém veria o produto. Finalmente ela me chamou:

– Próximo!

Eu respirei fundo e pensei em todas as perguntas que ela me faria, em como se recusaria a me vender aquilo. Fechei os olhos e fui.

– Boa tarde. – pegou o pacote, bipou – Só isso?

– Sim.

– R\$3,50.

Entreguei as moedas, ela contou, colocou num pacotinho, me entregou:

– Obrigada, volte sempre. Próximo!

Eu ganhei a rua, ainda nervoso, mas sem entender direito o que havia acontecido. Eu jurava que ela ia brigar comigo e dizer que eu não tinha idade para isso mas, pelo jeito, ela não se importava. Virei a

esquina e fui direto para a casa da minha namorada. Ela morava a cinco ruas da farmácia.

Cheguei e gritei o nome dela no portão. Uma característica de sua casa é que não tinha campainha. Ela veio, abriu o portão e entramos. A casa estava escura e fria, aquele cheiro de ambiente vazio. Entramos no quarto, ela então me perguntou:

– Comprou?

Com os olhos arregalados eu disse:

– Sim.

Nos encaramos, apagamos a luz e sentamos na cama. Começamos nos beijando e aquilo tudo foi evoluindo, até chegar no ponto de estarmos seminus. Muito nervosismo, não sabíamos o que fazer, nunca havíamos feito. Ela me pediu para pegar o que eu havia comprado, peguei o saquinho da farmácia, tirei o pacote, abri, destaquei uma unidade, tentei abrir com os dedos mas não foi possível, usei os dentes e rasguei a embalagem. O preservativo era esquisito e foi estranho usá-lo. Depois de algum esforço consegui colocá-lo.

No silêncio do quarto escuro, nos abraçamos e beijamos. Aquilo trazia confiança para ambos, tentamos com cuidado, estávamos preocupados. Ela chorou, eu a abracei.

– Calma, está tudo bem! – eu disse.

Ela me beijou e seus lábios tinham gosto de lágrimas. Eu já havia desistido. Então, ela insistiu para que terminássemos aquilo. Assim fomos até o fim.

Quando tudo acabou, nos cobrimos – pois já estávamos com frio – embaixo do grosso edredom. Eu a segurei, ela ainda soluçava, e entre lágrimas me disse:

– Nunca mais quero fazer isso. – concordei. Nos beijamos e ficamos deitados sem dizer nada no escuro.

Apesar de não ter sido algo como o idealizado, ou como tanto esperávamos, foi especial, carregado de sentimento adolescente, de paixão e de sinceridade. Não trocaria minha primeira vez por nada. Hoje não estamos juntos, não mais, mas ainda tenho contato com ela. Ainda acho que foi o certo a se fazer.



Henrique Magalhães

Um cheiro doce e acre é o que me faz recordar de forma mais vívida a primeira noite como homem, ainda que não passasse de um menino. Era uma essência de perfume barato, desses vendidos em supermercado, que impregnavam o corpo de Mazinha ao sair à noite para seus encontros fortuitos.

Mazinha era uma mulher baixinha e rombuda, dessas que hoje diríamos estar acima do peso, mas que à época não tinha tanta importância nem para ela nem para mim, nem para meus primos, nem para os rapazotes do bairro, essa forma generosa de carnes abundantes e macias que amalgamavam confortavelmente o prazer. Doméstica, pau para toda obra, Mazinha trabalhava na casa de minha tia, que vivia só com seus dois filhos, Júnior, o maior e mais velho que eu um ano, e Robson, um ano abaixo de mim.

Minha tia Lindalva, viúva de um promotor que atuou na cidade de Cruzeiro, interior do estado, já há alguns anos morava na capital, em uma casa grande e afastada, limítrofe de meio urbano e sítio. O terreno enorme abrigava todo tipo de árvore e perdia seus limites em um matagal íngreme que chegava a uma ribanceira.

Essa vida de algum modo exótica, apartada das ruas de pedra e asfalto em que vivia me encantava e ir à casa de minha tia nos finais de semana era uma viagem a um universo que me proporcionava além de certa nostalgia bucólica, um mundo de aventuras. Meus primos faziam parte disso, por trazer um modo de vida interiorano e de uma promiscuidade com a natureza que não se tinha facilmente na cidade.

Não tinha mais que 12 anos e meu corpo mal sofrera as transformações da puberdade. Assaltava-me a curiosidade das brincadeiras insinuantes que meus primos já se permitiam com a fogosa Mazinha. Apesar de sermos ainda meninos, as conversas eram de rapazes, entre provocações libidinosas e um erotismo precoce que tinha mais de afirmação de masculinidade que verdadeiramente tesão.

Mazinha, mais velha que todos nós, achava engraçado todo aquele assanhamento e retribuía as provocações com malícia desafiadora. Afinal, para quem já tinha uma vida mundana de prazeres, que restrição faria em mancomunar-se com os filhos da patroa? Mazinha então era assim, de um bom humor, de uma graça contagiante que suplantara com leveza sua condição de semianalfabeta e serviçal mal remunerada.

Tido como bobo para meus primos – indubitavelmente bem mais espertos que eu, que não tivera uma infância tão livre quanto eles nos campos do interior, entre partidos de cana e sexo com animais – aflorava em mim a necessidade urgente de ter experiências de homem que pudessem confirmar a mim mesmo meus predicados. Quão tenso foi esse tempo para mim, que mal sentia a pulsão do sexo que já inflamava o imaginário de meus primos! Mais que provar algo a eles,

era a mim mesmo que me colocava o desafio de também fazer parte das aventuras fogosas de Mazinha.

Decidira tomar a iniciativa. Sem alarde, sem antecipar qualquer movimento aos primos, aproveitei um momento oportuno para uma aproximação com Mazinha, que com jeito topou uma saída noturna, discretamente, firmando um pacto só nosso. O dia correu num sufoco cada vez que lembrava o que iria fazer com ela. Aonde iríamos? Como seria? Será que saberia o que fazer? Naturalmente eu tinha noção do que era o sexo e o movimento do coito, mas não se tratava da mecânica, mas do tesão, da emoção que conduziria o ato.

À noite, furtivamente, encontramos-nos fora da casa, no final da rua que dava para o matagal. Deixei que Mazinha me conduzisse sem receio. Tudo era escuro e desconhecido, entramos na mata rasa pelas trilhas traçadas por outros amantes. Ao chegar em uma pequena loca, de vegetação rasteira, Mazinha tirou sua saia longa e forrou o chão, deitou-se e me puxou para seus braços. Apressadamente baixei a bermuda e a cueca e mergulhei em suas coxas voluptuosas.

Um cheiro forte de sexo e de perfume barato penetrava-me as narinas do mesmo modo que eu penetrava em suas entranhas. Não faltou tesão para meu pênis de menino, mas um turbilhão de agonia e prazer inflamava meu corpo e transcendia minha alma. As carnes quentes de Mazinha contrastavam com sua vulva úmida que para mim levaria ao êxtase, prazer extremo que desde aquele momento não sei se me acometeu. Mais que o prazer, saltava a necessidade de me fazer homem de ter afinal desaguado num corpo de mulher.

Mazinha curtiu tudo sem dizer palavra. Havia satisfação em seu gesto. Do jeito que começou, terminou, num supetão que de repente nos vimos mais uma vez vestidos. Caminhamos pelos caminhos da mata e nos separamos na boca da rua. Entrei em casa ofegante, emocionado e esperto. Encontrei meus primos, que me perguntaram por onde andei. Falei que tinha saído com Mazinha, que acabáramos de fazer sexo. Incrédulos, me pediram para mostrar os cotovelos. Mostrei. Estavam ambos melados de terra por tê-los apoiados no chão durante o coito. Desatento, nem tinha me dado conta, mas foi o suficiente para provar a meus primos que naquele momento estava se descortinando a primeira noite de um homem.

Charles de Andrade

Motivo de prazer, de gozo, sensação de ressurreição, indescritível o momento, mas também significado de agonia, ansiedade e tensão, desespero aos iniciantes. Para muitos, um susto inicial, que logo é diluído entre os corpos envolvidos, a tensão se torna tesão.

A descrição que segue vai meio que na contramão da satisfação de muitos, foi um terror para seu Alfredo naquele final de tarde, de 2000, último ano de um século.

Seu Alfredo era um homem dedicado, trabalhador rural, centenas de metros quadrados de canavial derrubava com o facão que dia a dia empunhava. Às 9 da manhã, hora do almoço, a carne cozida junto ao arroz com feijão, enchia sua marmita que era envolvida por jornais e um pano de prato, os jornais mantinham a marmita e o seu conteúdo aquecidos.

E, em seguida, após um rápido descanso, voltava à labuta, descanso por volta das 14 horas, um pãozinho lhe forrava o estômago para seguir a lida. Fim de tarde, parada no boteco, próximo a sua casa: uma, duas, no máximo três doses de cachaça, produto esse originário dos canaviais que derrubava no decorrer do dia, única coisa que produzia e a que facilmente tinha acesso.

Assim passou sua vida: trabalho, boteco, casa. Vida simples, até exagerada a simplicidade, mas que era o orgulho de seu Alfredo. Assim como todo frequentador de bar, Alfredo fez vários amigos que, com o correr dos anos, mostraram uma certa preocupação com ele: o tempo passou, Alfredo nunca foi visto com mulher. Pelo que sabiam, pouco tinha saído de sua cidade de origem, dificilmente teria uma amante em outro local. Nas conversas sobre putaria sempre desvencilhou, manteve-se calado. Os amigos começaram a se preocupar com seu Alfredo, que já não era mais um adolescente ou um jovem: era um homem de cabelos grisalhos, passando de 5 décadas, estava na hora de presentear Alfredo.

O mês parece que era novembro, final de ano, faltava um mês para encerrar o século XX, os amigos juraram que Alfredo chegaria ao século XXI sem cabaço. Três dos vários amigos procuraram Amanda, uma garota que frequentava um boteco, sempre na espera de um homem e pra lhe pagar algumas cervejas, cigarros e aquelas porções dos potes de conserva. Fez de seu corpo seu sustento, era uma bela mulher, morena, por volta de 1,68m, longos cabelos negros, olhos castanhos, pele morena e, como os caras diziam, tinha “uma bunda que não era dela”. Bastante simpática, foi convidada pelos amigos a presentear Alfredo com uma noite de prazer. Deram-lhe algumas notas e ela foi junto aos amigos visitar seu Alfredo logo após o expediente de trabalho, após suas rápidas doses no boteco e ao seu banho.

Bateram palmas no portão da casa de seu Alfredo, que atendeu os amigos e a garota. Ficou surpreso quando os amigos saíram e a garota

ta ficou. Homem educado e simples, iniciou conversa com a garota que, ao se encontrarem na sala do lar de nosso personagem, começou a acariciá-lo, a tocar-lhe o pênis e a passar a mãos sobre o seu peito, conforme ia abrindo os botões de sua camisa. Seu Alfredo, finalmente, teria o contato físico com uma mulher, enfim perderia sua virgindade, naquele esquema: cada um faz as coisas conforme o seu tempo e, após cinco décadas de existência e nas portas dos sessentas anos, seu Alfredo não seria mais cabaço.

Enquanto seu Alfredo e Amanda transavam – assim estava no roteiro –, os amigos bebiam, no bar e mostravam uma grande euforia, alegria e até uma certa ironia pois, afinal de contas, estavam ajudando o amigo a sentir o prazer de estar com uma mulher, ajudando o amigo a se tornar, finalmente, e apesar da idade, um homem de verdade. Quando, de repente, o celular de um dos amigos toca e, para surpresa de todos, era Amanda desesperada, ligando do celular de seu Alfredo, solicitando socorro, aflita, assustada e em grande desespero, pedia ajuda urgente: seu Alfredo teve um infarte. A sorte é que um deles possuía um automóvel. Desesperados, saíram em socorro do amigo, chamando socorro hospitalar e virando madrugada na sala de espera de um hospital público, aguardando notícias do infartado.

Segundo Amanda, “no início foi até gostoso, ele gostou da brincadeira, quando seu pênis foi tocado e chupado, quando suas costas foram arranhadas... Mas quando tirei a calcinha e fiquei nua e ele viu minha buceta, sua fisionomia começou a se alterar, seu pau não levantou mais, e percebi que o que estava subindo era a sua pressão”

O que se comenta é que o século XXI chegou e seu Alfredo continuou virgem, teve que se aposentar por invalidez, devido à sequela que ficou no braço. Mas dizem que depois daquele dia e daquele susto, às vezes procura Amanda, pra lhe tocar e chupar, pede que a moça nunca fique nua...

... e quase se foi!

Roberto Gotts

Elisa... Branquinha e doce Elisa. Não era irmã nem prima, mas era da família. Criada em casa desde que nasceu. Naquele sertão sem montanhas, quase sem árvores e sem nada para fazer a não ser não fazer nada. Um dia percebi Elisa. Já não era tão novinha, mas Elisa me chamou atenção. Também eu não era mais criança e de manhã já acordava de volume. “Tesão me mijo”, dizia meu avô que ria descascando o fumo matinal. Eita, porra!”, pensava eu. “Se mijar, passa?” Passava. Mas tinha também uma coceirinha que só passava quando mexia nele. Passava. Mas mijava outra coisa. Coisa? E a coisa foi saindo cada dia mais. Lá, depois da infância a “coisa” já era outra. Os meninos da escola diziam o mesmo. Era normal. Eu era normal. Era gostoso. Os meninos contavam histórias e todos se avolumavam. Debaixo de umbuzeiro, nos aliviávamos. Meu pai, que pouco falava, disse que o que saía era para fazer filho, que Deus tinha feito assim. Corri pro umbuzeiro para saber se tinha algum filho meu lá. Não tinha. Vi Elisa passeando por ali. Senti vergonha. Será que tinha me visto? Ela nem se importou comigo. Mas eu sentia coisas por Elisa. Via suas ancas balançando... De noite, quando todos dormiam, no silêncio da noite, sonhava com Elisa e de manhã parecia que tinha mijado na



A primeira noite de um homem (travestido de mulher)

Julie Albuquerque

Raul está se admirando diante de um espelho grande, que fica na porta do guarda-roupas, no quarto da agora sua ex-melhor amiga Mariane, que está coladinha ao seu lado também admirando a sua beleza andrógina. Ele está usando as roupas dela: uma sexy camisola de rendinha e um short bem curtinho, ambos na cor azul.

Ele é gótico, magro, com o rosto liso e a pouca barba e bigode (bem feitos e aparados), olhos azuis, cabelos loiros e compridos, pele clara e com poucos pelos loiros que os fazem parecer liso e/ou depilado, algumas tatuagens nos dois braços, piercing no nariz e vários brincos. Tudo isso o torna um ser bem andrógino.

Mas agora usando as roupas de Mariane, o reflexo que ele vê de si mesmo no espelho é de uma bela, atraente e sexy loira muito gostosa. E Raul fica completamente encantado com a sua própria beleza feminina-andrógina.

– Caramba! — diz Mariane impressionada — Você tá mais bonito e feminino do que eu, que sou mulher mesmo!

– Imagina, que isso, não exagera. — responde Raul, sem tirar os olhos do próprio reflexo.

“Mas é claro que eu sou mais bonito e feminino que você!”, pensa consigo Raul, guardando este pensamento somente para si, já que não quer magoar sua ex-melhor amiga.

Raul e Mariane já foram melhores amigos alguns anos antes, e já haviam passado mais de um ano sem se verem. E o motivo disso foi que certa vez uns amigos rockers de Raul, que na época moravam no Condomínio Sítio Lagos, no Bairro da Ressaca (daqui mesmo de Ibiúna-Cityo, interior de São Paulo), tinham organizado uma festinha noturna com direito a pizzas, bebidas, piscina e muitas garotas bonitas. E dentre estas garotas, havia pelo menos duas que flertavam com ele mostrando obviamente algum interesse. Mas, como Raul já havia bem antes marcado e combinado um outro rolê com a Mariane e, para não magoá-la ou decepcioná-la, acabou recusando o convite dos amigos que queriam e desejavam muito a sua presença na festinha.

Só que aí a Mariane pisou na bola e deixou ele na mão porque de última hora ela cancelou o rolê com Raul que, lógico, ficou imensamente puto da vida com isso. E o que mais deixou Raul frustrado, foi saber que a festinha que recusou e perdeu foi bem animada, ou seja, ele chegou à conclusão de que se tivesse ido lá, não estaria hoje, aos plenos 21 anos de idade, VIRGEM ainda. Na cabeça de Raul, o fato dele continuar virgem era única e exclusivamente culpa da Mariane. E graças a essa raiva e ressentimento, acabou se afastando dela...

Mas, de uns meses pra cá, Mariane começou a enviar mensagens via WhatsApp para Raul tentando se reaproximar novamente. E nas mensagens ela dizia que sabia que ele já não a via mais como sua melhor

amiga e tal, e que nem pretendia forçar e/ou retornar esse posto mas que, mesmo assim, gostaria muito de vê-lo novamente, pois sentia muitas saudades e a sua falta e que, apesar de tudo, ainda gostava muito dele. Já Raul respondia estas mensagens de forma fria, sem sentimentalismo, mas sem ser grosseiro pois, apesar da bronca e ressentimentos, não queria magoar ou ferir de alguma forma a sua ex-melhor amiga. Em nenhum momento respondeu que sentia saudades ou a falta dela, e sempre dava um jeito de se esquivar das mensagens carentes.

Assim, como se esquivava, arranjava algum pretexto, motivo e/ou desculpa para prolongar e evitar de ter de reencontrar-se com ela. Mas eis que hoje, do nada, em plena segundona, 30 de janeiro de 2017, numa tarde chata e entediante, estavam trocando algumas mensagens e ela pergunta:

– E então qd é q vc vai vir aqui em casa me ver?

– Que tal hj, pode ser?! rs. — ele responde por impulso e na doideira só pra ver no que dava, já que estava de bobeira no centro de Ibiúna-Cityo, pois mora no distante Bairro do Verava.

Mariane ficou extremamente animada e empolgada e quase não acreditando que o Raul aceitou enfim ver ela novamente, deixando isso transparecer nas mensagens seguintes que trocou com ele. Por fim, os dois acertaram os detalhes de onde e como se reencontrarem, já que atualmente ela está morando no Bairro Residencial Europa, que fica próximo do Centro, não muito longe, e que até dá para se ir a pé tranquilamente.

Mariane é uma jovem de 18 anos, não é linda ou maravilhosa, mas também não é feia. Tem uma beleza simples e o seu pecado (ou a falta dele) é não ser vaidosa. Nem brincos ela usa. Se ela fizesse as unhas e sobrancelhas, usasse maquiagem, explorasse mais os seus cabelos que agora estão longos/compridos, ou seja, arriscasse ou ousasse num look mais feminino, sensual e sexy, com toda certeza iria arrasar deixando muito mais pessoas caidinhas e atraídas por ela. Morena, possui olhos e cabelos de cor castanho, é baixinha, um pouco gordinha, mas daquelas tipo “gordinha sexy” com cinturinha e tal, que é bem diferente de uma garota obesa. Terminou no ano passado o Ensino Médio e agora está trabalhando e morando na casa de um velho senhor que, pela sua debilitada saúde, necessita de alguém que lhe cuide e ampare em tempo integral, assim como nos afazeres domésticos.

E agora, faltando poucos minutos para a meia-noite, Raul continua se olhando e se admirando em frente ao espelho. E, bem juntinho e coladinho nele, está Mariane que, por ser bissexual, não faz questão nenhuma de esconder a sua atração e imenso desejo e tesão que está sentindo por ele.

– Nossa Raul, você tá tão lindo e gostoso assim vestido de menina com as minhas roupas! – sussurra sensualmente no ouvido esquerdo do rapaz, enquanto lhe acaricia com a mão direita os cabelos e com a mão esquerda o seu peito.

Raul nem consegue responder o comentário de Mariane porque, neste instante, o seu corpo é invadido por um imenso e avassalador tesão incontrolável. E ela, que não é boba e nem nada, quando vê um

certo volume se formar no minúsculo e apertado shortinho, não perde tempo e começa a acariciar firme e forte o falo de Raul. Enquanto despe, beija, morde e chupa os mamilos dele. O tesão e a excitação são enormes e dominam ambos. Esquecem que são apenas amigos e se entregam à libido de um imenso desejo carnal que se apossou deles.

E este foi apenas o começo dessa farrinha sacana entre estes dois ex-melhores amigos pois, logo em seguida, vão para cama, dão mais uns amassos nervosos, se equipam com camisinha e partem para uma maratona de sexo selvagem e alucinante, com direito a vários orgasmos mútuos de ambas as partes desta vez.

Lógico que Raul, como um bom narcisista que é, deu um jeitinho de se posicionar na cama de uma forma que conseguisse se ver refletido no espelho transando com ela. Fato este que só contribuiu e melhorou seu desempenho e excitação. O prazer e o fetiche de estar transando vestido como uma garota é tão grande que Raul acaba descontando todo o seu tesão, desejos e fantasias sexuais que estavam reprimidos dentro de si em sua ex-melhor amiga, que se sente honrada e plenamente satisfeita em ser a sua primeira amante desvirgando o rapaz com muito prazer – diga-se de passagem.

E nesta noite especial ele não se acanhou em colocar em prática tudo o que queria e sentia vontade de fazer numa boa e pervertida transa. Raul ficou plenamente satisfeito. Teve uma noite de sexo completo e perdeu a virgindade da melhor forma possível, de um jeito que jamais imaginou. Tanto que até achou que valeu a pena a demora perdendo-a por tê-lo feito perder aquela outra oportunidade de ter per-

dido a sua virgindade pois, em compensação, nesta noite incrível, ela tirou o atraso dele de uma forma completamente satisfatória e inesquecível. Ela adorou poder transar com o seu ex-melhor amigo vestido de menina com as suas roupas. Isso a deixou super-excitada, lhe provocou e rendeu alguns orgasmos que tanto ansiava sentir.

– Sabia que mesmo eu já tendo transado com outra mulher e também com um homem, em nenhuma das duas ocasiões senti prazer ao ponto de ter um orgasmo? – confia Mariane.

– Sério isso??? – surpreende-se Raul.

– Sim. E apenas hoje com você é que fui saber o que é ter um orgasmo de verdade!

– Uau! – exclama o rapaz impressionado e lisonjeado – Você sabe muito bem que eu era virgem até esta noite e que agora, além de ter me desvirginado, você também me proporcionou prazerosamente o meu primeiro orgasmo! Creio que nisso estamos quites então, não é mesmo?! – complementa ironizando esse curioso fato.

– Sim, estamos! – responde, achando graça desta situação – E que bom que gostou! – sorrindo de forma bem marota – Porque se foi bom pra você, foi ótimo para mim! Eu sempre te vi e desejei mais do que um amigo seu bobinho!

– É mesmo??? – questiona com cara de bobo.

– Sim meu bobinho lindo! – afirma antes de avançar novamente pra cima de Raul e atacá-lo com mais beijos calientes.

O mais irônico nisso tudo era que até algumas horas antes Raul não queria e nem estava a fim de ver a sua ex-melhor amiga Mariane. E

quando, de repente, do nada, decidiu vê-la, tinha prometido a si mesmo que iria manter a sua postura fria e insensível do WhatsApp, e que não iria amolecer ou se deixar sensibilizar com ela por causa da mágoa, bronca e ressentimento que ainda sentia dela. Ele conseguiu se manter frio e meio que distante dela sem afetos e carinhos até a hora em que ela decidiu brincar de boneca com ele, fazendo-o vestir as suas roupas. Daí o que era apenas uma brincadeira ou zoeira besta e boba, acabou se tornando uma alavanca que impulsionou uma desenfreada noite de luxúria, fetiche, perversão, prazer e muito sexo. Tanto que agora, após a pequena conversa que tiveram deitados juntinhos na cama, eles voltam a se beijar e acariciar de forma avassaladora, pois o fogo e o desejo voltaram com mais força ainda. A noite prometia. E prometia muito mais prazeres para os dois ex-melhores amigos...

A primeira tarde de um homem

Ricláudio Jr.

28 anos, morador de Jacareí

A pós três horas e meia de transporte, eu chegava ao meu destino: residência de uma garota que havia conhecido em um grupo de amigos.

Ela não morava sozinha, e fez com que minha entrada fosse suave como a de um gatuno larápio.

Nossas conversas por SMS faziam com que ela pensasse que eu possuía algum tipo de experiência juvenil, o que de fato era mentira e talvez ela desconfiasse.

Enquanto nos beijávamos em silêncio, para não atrair atenção de nenhum morador, procurávamos um cômodo para iniciar a minha “primeira tarde”.

Ela me levou para o único quarto possível. Parecia intacto por meses e, segundo ela, era o quarto de sua avó.

O movimento sensual começou, estava maravilhoso até o momento que a garota me disse:

– Preciso te falar uma coisa!

Eu respondi muito empolgado, acreditando que viria alguma “dirty talk”:

– Sim fala, vai fala!

– Minha avó morreu aqui nessa cama!

– ...

Então, tive um orgasmo, não tive controle algum naquele momento. Eu não parava de pedir desculpas, por ter gozado ouvindo aquilo, era muito assustador, porém estava engatado e aconteceu.



Atrasado (ou na hora certa)

Jeison Placinsch

A gente só queria saber de fazer festa. Tinha um mercadinho dos mais bagaceiros quase ali na esquina, e o esquema era juntar o máximo das moedas que todo mundo tinha pra comprar um garrafão de vinho. Ou dois. Ou três, dependendo se tinha mais pessoa pra pagar. Ou alguns com mais dinheiro. Era vinho suave. E odeio vinho suave, como devo ter me dado conta nessa época. Me faz vomitar. Não foi uma nem duas vezes que me levaram pra casa morto. Eu sumia da casa e me sentava num degrauzinho na porta de entrada. Ou saída, dependendo se estava chegando ou indo embora, né? Era a casa de um amigo que morava já em outra cidade, e que nos fins de semana vinha pra cá e estava tudo livre, lindo e liberado de família.

Tinha dezenove anos nesses dias. Não queria saber de absolutamente nada além de tocar todas as músicas dos Ramones na guitarra e escrever letras de punk nervoso, quando estava começando a conhecer os troços da Finlândia, da Suécia e de São Paulo. Namoradas? Nunca tive. Tinha tentando um esquema com uma menina antes, mas não deu em nada. A banda preferida dela na época era Los Hermanos, então né...

Mas acabei por conhecer uma por meio de um outro amigo que deixou de ser amigo e virou meio que inimigo com o tempo. Acontece. As pessoas são muito doidas, e faço parte disso. Enfim. Começamos a conversar (eu e a menina, por intermédio do mané) e nos gostamos. Nos víamos e tal, começamos numa festa de aniversário de uma menina que meu irmão ficava. Que foi uma grande furada da vida também, mas da dele. Até tem ou tinha uma foto feia desse dia, dos primeiros beijos que demos. Eu segurando ela, quase engolindo. É horrível. Mas aconteceu.

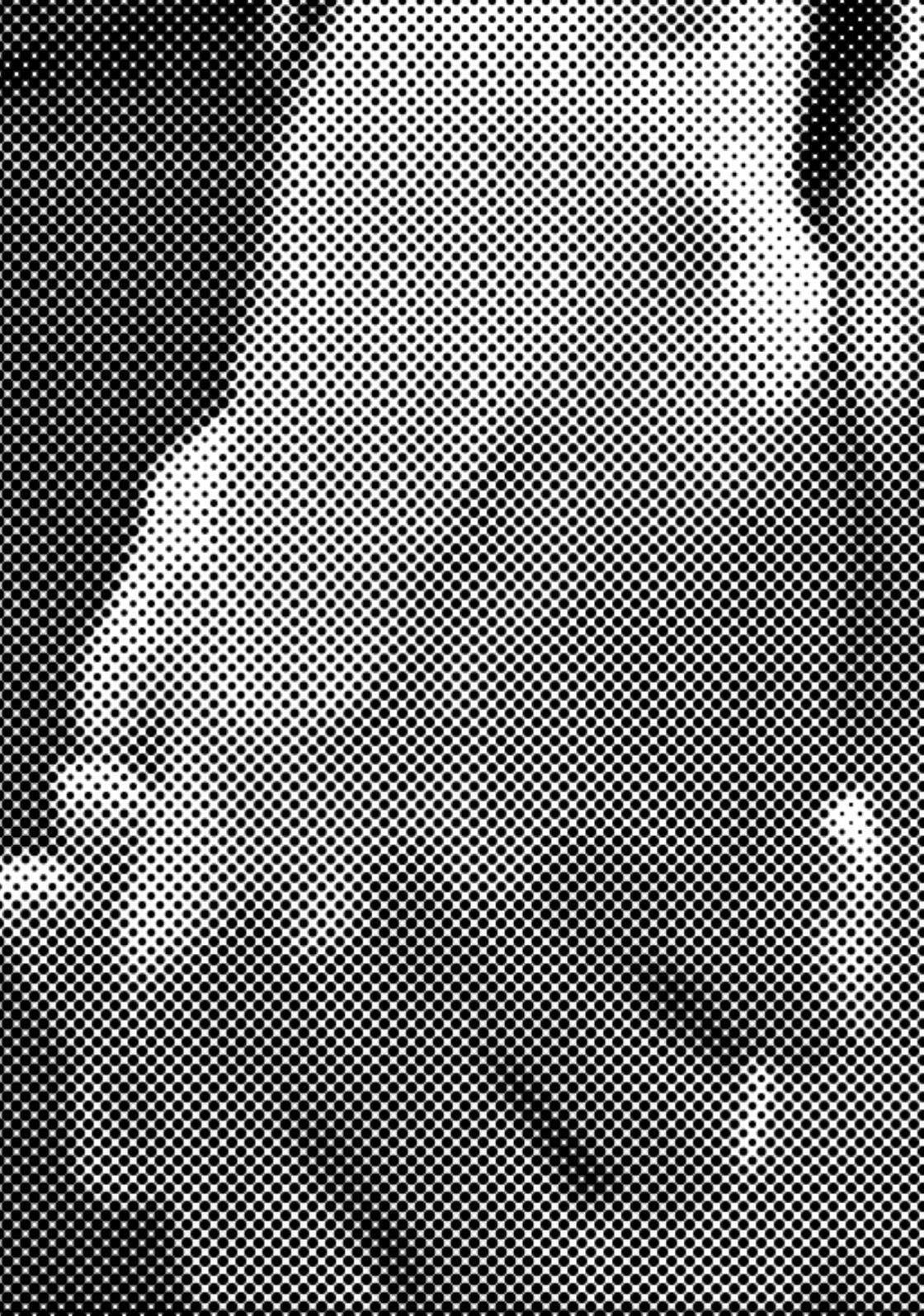
Já tinha passado um mês que estávamos juntos, e pra mim estava tudo bem. Até que chegou o grande amigo e falou que “namorar não é só dar beijo”. E eu “hm, foda-se”. Mas aquilo ficou na minha cabeça. Eu realmente não tinha interesse nenhum. Só continuava querendo saber de ouvir música e ler sem parar, mas de algum jeito se tornou obrigação esse ir além na relação juvenil. Possivelmente sem essa pressão adolescente eu teria ficado bem na minha.

Aí chegou um dia dessas festas na casa lá em que perguntei “meu, posso usar teu quartinho lá de cima?”. Ele se ligou, lógico, até porque dentre os amigos próximos possivelmente eu era um dos únicos que nunca tinha trepado. Então, no meio do esquema todo, chamei ela e fomos. Era um quarto puro mofo, com um cobertor completamente furado e fedorento. Milhões já tinham usado ele pra esse mesmo fim.

Começamos, comigo só entendendo o que eu tinha visto em filmes pornô. Tava indo legal, algo novo na vida e cheio de medo de botar uma camisinha todo errado e dar merda. Até que um tempinho depois

alguém subiu a escada e “opa, desculpa!”. Mas porra, a gente tava num quarto sem porta, né? A culpa não era do subidor de escada, que não tenho a mínima ideia de quem seja até hoje. Depois disso fomos pro quarto do lado, que tinha porta, e seguimos na função. Dessa vez eu pedi pra fazer com ela de quatro. Mais uma coisa que via nos filmes e achava legal. Não deu. Eu não consegui encaixar de jeito nenhum. E voltamos pra posição tradicional do cidadão de bem da família brasileira. Eu gozei, porque eu sei. Ela, provavelmente não. Leva tempo pra gente descobrir como é bom pra todo mundo uma trepada.

Acho que hoje sei, pra compensar todos aqueles anos de zero interesse em sexo. Ou ao menos continuo tentando que todo mundo se sintam bem em uma primeira noite. Ou última.



Leandro Ramos

“Tudo é deleite e delícias e gozos eternos nos braços de Nuit” – esse verso do Liber Al Vel Legis sempre foi o meu predileto, a forma-potência com que Crowley marcou com o ardor da poesia o deleite sexual em minha juvenil mente de catorze anos e foi com essa marca profunda, signo mágicko-bestial da força do sexo, que criei a minha utopia de como seria a explosão do orgasmo coroando a penetração em uma mulher.

Nuit é a deusa da noite, que envolve em um abraço lascivo Ha-Poor-Kraat, o princípio masculino da Criação segundo a mitologia egípcia, e da união divina deles nasceu tudo o que somos, a terra, as águas, as plantas, os animais – enfim, é uma cosmogonia, tão rica em símbolos e devaneios e beleza como outras tantas mas, para um rapaz virginal de catorze anos, vê-la pelos inspirados versos de Crowley soava muito mais belo que a bocejante história do espírito pairando sobre as águas e criando tudo através de um solilóquio durante seis dias (faça-se a luz, agora faça-se as árvores, ponha ali um fruto proibido, etc). Qual a graça de criar tudo sozinho para descansar no sétimo dia e depois – com uma boa dose de orgulho, vale dizer – ficar dizendo “fui eu que fiz tudo isso aê” para o primordial casal ingênuo? A histó-

ria só fica interessante mesmo a partir da maçã, mas aí o mundo já tinha sido criado e o que estamos fazendo aqui é comparar cosmogonias. Nuit e Ha-Poor-Kraat, envoltos num abraço de êxtase, gemendo na divindade do orgasmo – tão puro, tão isento das dores culposas emanadas da Cruz – eram atores de uma cosmogonia muito mais em sintonia com os hormônios em ebulição de meus catorze anos.

Hormônios que não conheciam a palavra comedimento e, portanto, se multiplicavam em miríades de orgasmos: as punhetas eram quase tão constantes quanto as refeições. Parecia que de repente todas as garotas da escola tinham ganhado de presente seios enormes, bundas enormes, todas tão incrivelmente arredondadas e enviando mensagens telepáticas de “morda-me”, “apalpe-me”; que de garotinhas extremamente irritantes tinham se transformado em miniaturas de mulheres adultas, jorrando encantos quando passavam por nós, os garotos de catorze anos espinhentos e esquisitos babando por aquelas delícias e ao mesmo tempo completamente amedrontados sobre o que fazer com tanto desejo.

Eu li o Liber Al Vel Legis pela primeira vez em nossa casa, na estante de livros do escritório do meu pai, junto a outros volumes sobre magia e esoterismo populares nos anos 80, como Carlos Castañeda, Lobsang Rampa e o do São Cipriano (papai era engenheiro químico, mas por alguma razão bizarra se interessava por esses assuntos, melhor nem saber o porquê de algumas coisas). Eu não entendia muito bem as coisas que lia naqueles livros, mas o terror que me suscitavam com suas descrições de coisas fantásticas (como pactos com Satanás e

produção de demônios nas fezes de cavalo) conduziam-me sempre àquelas estantes quando ele não estava em casa (sempre fora muito zeloso de sua pequena biblioteca). Esse foi o interesse inicial, mas minhas idas se tornaram mais constantes quando descobri, camufladas entre folhas de anotações e revistas científicas, exemplares de Playboy e revistas pornô. E embora eu ainda lesse os livros era ali, naquelas páginas proibidas, certamente ocultas para impedir o olhar de mamãe, que eu experimentava um misto de sensações: o medo de ser descoberto naquelas expedições lascivas, vasculhando esconderijos de novas delícias pornográficas; o ato de roubar (por alguns minutos apenas) algum exemplar não explorado, ocultando-o debaixo da camiseta; a ida até o banheiro, em uma via sacro-erótica repleta de temor em ser descoberto; em deleitar-me com as imagens ali expostas, as apetitosas formas das modelos, suas expressões provocantes, o ato mágico de entregar-me à feitiçaria da imagem e mergulhar por completo na fantasia, quase sentindo como real, como verdadeiro, reprodução do arfar de Ha-Poor-Kraat, nos braços de Nuit onde tudo é deleite mesmo que ali, sentado no vaso sanitário, com a mão direita no pau e a esquerda segurando a Playboy no. 140 com a Cláudia Alencar na capa, seja somente um juvenzinho de catorze anos tendo o seu centésimo orgasmo do ano, e olha que estávamos em março.

As leituras dos livros de magia e as punhetas seguiam constantes quando consegui minha primeira namorada aos dezesseis anos. Seu nome era Catarina e tinha os mais cristalinos olhos azuis que já vi em minha vida. Estudávamos no mesmo colégio desde a terceira série, se

não me engano, e sempre tivemos um relativo contato, morávamos mais ou menos perto, aquele tipo de relação que você tem com colegas de escola pública quando mora nos bairros afastados do centro. Um dia, em uma aula de História, a professora separou a classe em duplas para um trabalho extraclasse, e calhou de Catarina e eu sermos escolhidos como par, fazendo com que tivéssemos que nos encontrar fora da aula. Como éramos vizinhos de bairro, ela sugeriu que eu fosse na casa dela à tarde para começarmos o trabalho. Eu já a tinha visto sem o uniforme da escola algumas vezes – que por alguma razão era uns três números maiores do que a roupa que ela estava usando quando cheguei em sua casa – mas estranhamente naquele dia havia algo diferente. *Terrivelmente diferente*: Catarina me atendeu na porta com seus olhos azuis brilhantes e sorriu pedindo para entrar e eu só conseguia enxergar a insinuação de seus seios me saudando com um olá (por que antes eu nunca os tinha percebido? Como diabos eles apareceram ali?). Seus volumosos cabelos louros, sempre presos na escola, estavam agora soltos e levemente úmidos. Devia ter acabado de tomar banho e eu vim até a casa dela pedalando com a mesma roupa da escola, completamente suado. Me senti O otário. Depois daquele dia começamos a falar mais e mais, os interesses cada vez maiores, e meio que sem querer mais ou menos uns quinze dias desde que começamos a nos falar mais, enfim nos beijamos. Nesse dia, quando cheguei em casa, a simples lembrança da sensação dos seios de Catarina encostando em mim me causou uma ereção.

Consolei-me feliz com duas punhetas realizadas na sequência antes de dormir um sono repleto de sonhos bons.

Catarina não era mais virgem. Antes tinha namorado um cara de dezoito anos por quase um ano e isso, na minha cabeça inexperiente, me colocava em uma espécie de terrível desvantagem (na verdade eu não tinha certeza disso naquele momento, mas tudo faria sentido depois). Cheguei mesmo a pensar se não era melhor terminar com ela para evitar alguma vergonha de ir muito mal na hora do sexo, já que ela poderia fazer comparações indesejadas (e era muito natural que ocorressem). Mas mesmo essa inexperiência tinha lá seu sabor e foi com ela que eu, preliminar após preliminar, descobri os prazeres que antecedem ao sexo. Era no começo só beijos desajeitados, que foram incorporando as mãos ávidas pelo corpo do outro aos poucos. Foi mágico o dia em que minha boca chegou aos seus seios (e arfava em gemidos que só me faziam lembrar de Nuit) assim como foi a boca dela a primeira que chupou o meu pau, escondidos no vestiário feminino da quadra da escola e completamente apaixonados daquela forma que os adultos, vencidos pela vida, já nem sequer conseguem sonhar.

Fazia cerca de um mês e meio que estávamos namorando quando tivemos a oportunidade de ficarmos sozinhos na casa de Catarina. Era uma quinta-feira e sua mãe tinha viajado a trabalho, e só voltaria na sexta-feira. Seu pai passaria na casa dela às sete horas para levá-la ao seu apartamento. Catarina odiava ficar na casa dele, pois não se dava bem com a nova esposa do pai, mas resolveu aceitar sem protestos calculando que, entre a saída da escola e às sete da noite teríamos

a casa totalmente para nós (uma virgem seria incapaz de ter tal ideia: munia-me de provas imaginárias sem nem saber por que as colecionava). A simples sugestão dessa ideia já me causou uma ereção.

Não tenho recordações muito precisas do trajeto da escola até a casa dela. Tudo que me resta são memórias sentimentais bastante vagas. Nem mesmo dos acontecimentos dentro da casa de Catarina tenho recordações precisas: lembro que entramos na sala já nos beijando muito, muito mesmo, quase no limite da violência; que segundo depois já estávamos nos despindo, a boca dela sugando meu pau, eu fazendo o mesmo com sua buceta logo depois. Nunca antes tinha feito isso e maravilhei-me com a textura e o sabor. Era a primeira vez que partilhávamos uma intimidade total, mas a inexperiência não permitiu perceber que, entre aquelas paredes, naquela alcova tanto tempo ansiada, eu poderia ter tudo, menos pressa – e foi exatamente esse o meu erro, como era mais do que provável: deitei sobre Catarina e, de um modo muito sem jeito, tentei iniciar a penetração e nem tinha passado dez minutos após chegarmos na casa dela. Senti a entrada úmida e quente na ponta dos meus dedos como uma forma de guiar o pau para o lugar certo. Desajeitado e tão ansioso quanto estava, tentei penetrá-la e, sem conseguir o necessário “encaixe”, como esperado o nervosismo venceu; tentei mais uma vez e a entrada, tão facilmente encontrada com os dedos, escapou-me novamente; a ereção, que vinha forte há tempos, diminuiu; tentei um incentivo-disfarce beijando Catarina enquanto lá embaixo buscava semi-desesperado a entrada da felicidade, sem nenhuma perspectiva de sucesso; então

me lembrei que ela não era mais virgem, que havia namorado antes, que seguramente tinham transado diversas vezes e nada daquilo que Catarina fez comigo era inédito; que já tinha chupado outro pau, que já tinha sentido outro entrando na sua buceta; e o que antes era um falo juvenil cheio de si mesmo transformou-se em um pinto tímido, quase pedindo desculpas; ainda busquei novas investidas, mas sentia-o flácido roçando os pelinhos de Catarina, que permanecia ali me esperando (e eu não conseguia encará-la e fugia para o dourado de seus cabelos); e se já não sabia antes como fazer, agora nem sabia mais o que diabos eu estava fazendo ali, nem como tinha chegado a esse ponto, e nem como é possível que o ar, que não vemos mas está em todos os lugares, pode nessas horas ganhar um peso absurdo, parecia até mesmo que sob minhas costas nuas escorava-se mil toneladas feitas de Coisa Alguma; seguramente não foram essas palavras que me ocorreram, mas foi desse modo que o que seria a minha gloriosa primeira vez se transformou no azedo sabor da broxada. Eros chorava, arruinado; o esplendor da vida, que escorria da ponta do meu pênis antes duro, símbolo universal da Vida, dá lugar à pulsão de morte, marcando com o signo da derrota o início de trajetória sexual de um homem. Morte: essa palavra resumia a tudo. Naquele momento de pura vergonha, todo o meu pensamento tinha um foco preciso – a morte. Desaparecer. Nunca mais ver Catarina. Nunca mais ir ao colégio. Nunca mais tentar fazer sexo. Morrer e esquecer no Vazio esse sofrimento horrível de ter falhado.

Saí de cima dela, deitando-me de costas para Catarina.

- O que foi?
- Nada.
- Tá tudo bem?
- Pára, né? Não tá nada bem.
- Deixa de ser bobo, a gente pode continuar curtindo.

Eu só queria que ela calasse a boca. Queria pedir desculpas, mas a vergonha era tanta que nem conseguia balbuciar uma palavra. Na minha cabeça desenhou-se o plano de deixar a coisa andar, ficar terrivelmente fria, até que fosse a hora de ir embora e então nunca mais precisaria passar por tanto constrangimento. Embora totalmente apaixonado por ela, para não passar mais por aquela humilhação só pensava em terminar com tudo de vez.

Foi durante essa (extremamente) exagerada autocomiseração que lentamente Catarina se aproximou, abraçando-me por trás. Beijava-me lenta e ternamente a nuca e o pescoço. Sentia seus seios encostando, a perna esquerda dela enroscando-se na minha em uma espécie de desajeitado golpe de jiu-jitsu. O toque da pele de Catarina fez-me deixar a má companhia de Thanatos e voltar para perto daquele sujeito muito mais gente boa que é Eros – isto é, o meu pau ficou duro de novo. E não foi apenas isso: Catarina, mais baixa do que eu uns dez centímetros, começou a dar beijos úmidos e vorazes, mais mordidas que beijos propriamente; do pescoço os beijo-mordidas alcançaram os ombros e a parte de cima das costas; fez isso meio que deslizando para baixo de modo que suas mãos, antes no meu peito, conseguiram descer até alcançar meu pau. Com um movimento rit-

mado, Catarina beijava-me as costas, esfregando-se nelas com ardor, e fazia ao mesmo tempo uma deliciosa punheta que produziu uma ereção forte e vitoriosa.

Virei-me para Catarina, beijando-a sem parar. Ela seguia sem largar meu pau, puxando-o para si e aumentando o ritmo da punheta. Rolamos um sobre o outro, até o ponto em que Catarina ficou sobre mim. Um oceano dourado de cabelos me cobria, e entre eles chegavam ondas de beijos molhados e arfantes, que eu retribuía não só com beijos mas também com as mãos, percorrendo todo o seu corpo. E foi assim, com ela sobre mim, que Catarina fez algo que a princípio me deixou desconfortável mas só depois descobri que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido: segurando meu pau e apontando-o para a entrada, forçou a penetração. Desvencilhei-me do oceano de cabelos buscando ver o rosto de Catarina, e ali encontrei uma expressão que tinha ar quase selvagem, de entrega despudorada e de abandono de si naquele vórtex que apenas estava iniciando. Vê-la por cima de mim, ritmando os movimentos e conduzindo a penetração, nem sequer passava como uma possibilidade no roteiro que eu tinha imaginado para minha primeira foda – onde, claro, eu desempenharia papel similar a de um ator pornô, veja até que ponto chega a megalomania dos homens – mas eu me deixei levar pela experiência, por aquele turbilhão de sensações que fazia da penetração algo mais do que apenas o contato entre epidermes suadas. Frente a tantos sonhos projetados de como o sexo deveria ser, como lidar com aquilo que estava acontecendo, onde eu já não era mais o ator principal, o

elemento que fazia a roda girar, mas tão somente o eixo imóvel onde – já sem nenhum pudor, sem nenhuma máscara imposta pela Moral – uma jovem se movimentava, na busca de encontrar aquele ponto limite onde meio que perdemos a consciência, onde morremos um pouco e onde ao mesmo tempo a vida começa? Eros voltava a dominar aquele quarto e, feliz, enviava bênçãos libidinosas que fizeram todos os pensamentos de morte serem esquecidos como se jamais tivessem ocorrido. Todos os lugares comuns destruídos, todos os sonhos romântico-eróticos submetidos a um choque de realidade na forma de uma jovem cuja pele parecia ferver e apenas dança e dança e dança, e a música é uma mistura de gemidos e barulhos de cama se arrastando; imóvel, sinto os sucos sensuais de sua vagina escorrendo e tornando tudo úmido e pegajoso; testemunho o movimento dela não apenas como o de Catarina, mas a reprodução de algo milenar, a mesma sequência rítmica que outras Catarinas fizeram sobre seus amantes imóveis sob o céu de estrelas que é também imagem de Nuit em seu abraço cósmico envolvendo a Ha-Poor-Kraat. Catarina deixava de ser ela mesma, enquanto cavalgava-me transformava-se no avatar adolescente de uma deusa tão antiga como o Tempo. E foi ainda melhor quando ela se elevou, apoiando as mãos em meu peito, e aumentando o ritmo dos movimentos enquanto explodi em um orgasmo tão desejado quanto irresponsável: não há cartilha sexual nenhuma que consiga ensinar qualquer coisa para seres que estão no auge da adolescência, essa época onde os neurônios curvam-se aos hormônios. Nem sequer uma lembrança da angústia se ela era virgem ou não, agora eu

tinha já a certeza que a maçã havia sido mordida muito antes, e que isso era antes uma dádiva que um problema. Ela desaba sobre mim, sorrindo e me beijando, e nos abraçamos deliciosamente, ainda envolvidos na febre da inconsequência. E ali eu revivi, naquela tarde de sexo entre adolescentes, em um quarto transformado momentaneamente na câmara da Iniciação ao Sexo, a cosmogonia de tantos aeons passados, as delícias dos braços de Nuit na gentileza carinhosa de uma jovem que me conduziu, mistério após mistério, a um tipo de gozo que revisito com a mágicka da Imaginação – esse refúgio onde todas as coisas são eternas e onde todos os deuses são verdadeiros.

Marco Fé

Ela era a primeira nota da escola
E sentava na primeira fileira da sala e mexia no cabelo
Primeiro foi ele e depois foi ela
Um dia deu empate então se olharam
Primeiro papo, primeiro encontro
Primeiro beijo e ela disse:
"Primeiro tem que conhecer meus pais"
Ele disse: "Primeiro tenho que criar coragem"
Primeiro verão de 93
primeira viagem
Primeiro porre, primeiro beque, primeiro baque
Primeiro frio na barriga, tremedeira, suor, mãos geladas e uma sen-
sação de felicidade e liberdade incrível
Primeiro ele... Não, não, primeiro ela.
ele "calma"
ela "para"
ele "te amo"
ela "paraaa"
ele "te amooo"

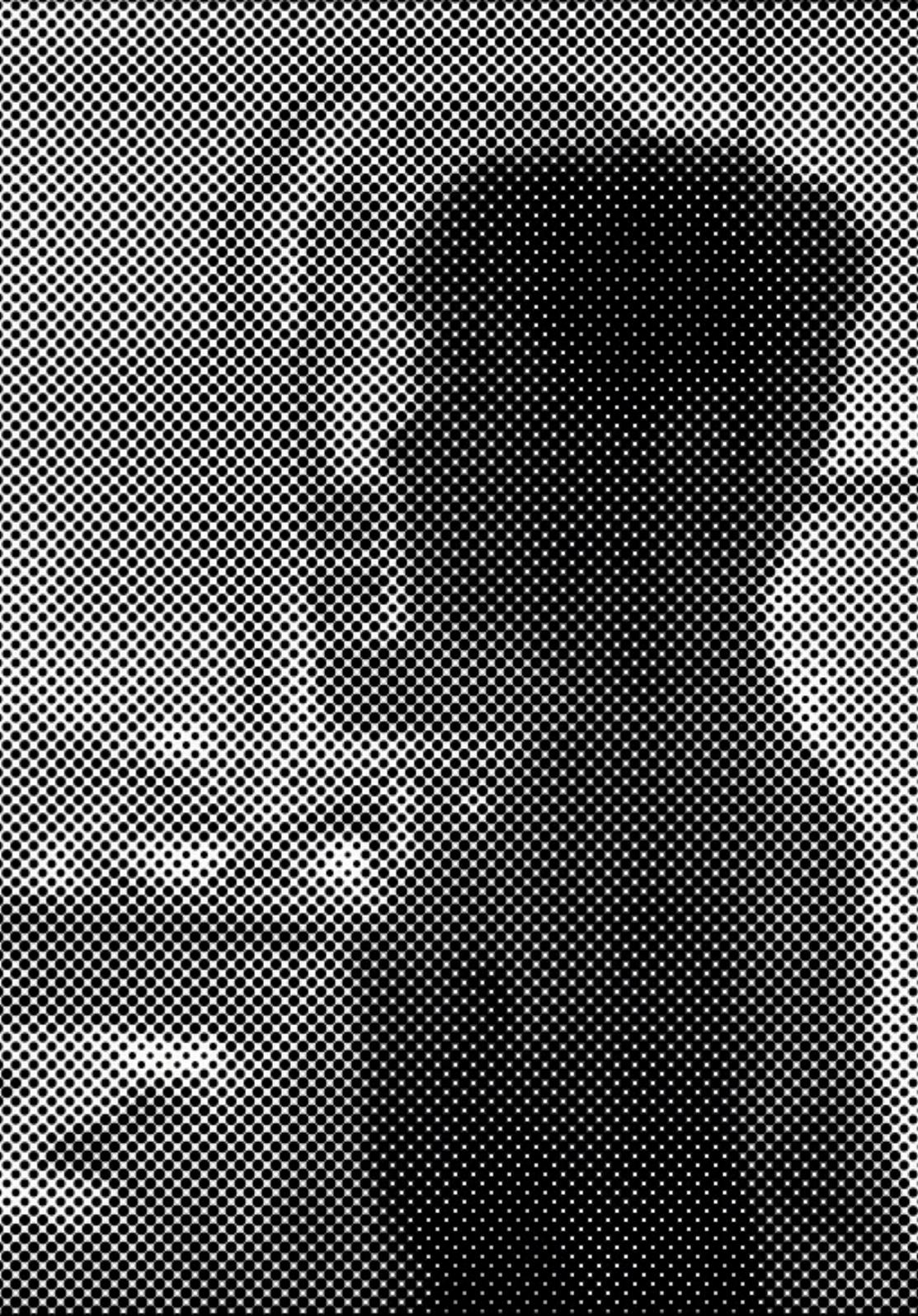
ela "não paraaa amor"

ele "quê?"

ela "não para amor... Caralho"

Primeiro gozo, segundo gozo, terceiro gozo...eles só tinham 16 primeira vez.

Primeiro ano da vida deles verão de 93.



A primeira noite de um homem

Miram Naej

“Eu não acredito que você tem 21 anos e nunca transou!”

Sempre fui um cara muito discreto, nunca antes dos meus 21 anos havia tido muito contato com mulher, contentando-me com uns amassos, beijinhos e masturbações realizadas de forma bem secreta sob pena de ser pego por alguém em casa e criticado severamente...

Eu trabalhava como autônomo e, por conta disso, ao entrar na faculdade e não ter como comprovar que trabalhava, teria que fazer três semestres de Educação Física por ser obrigatório, fazia parte da grade do curso (pra mim não tinha nada a ver). A disciplina seria dada por alunos do curso de Educação Física do terceiro ou quarto ano.

No primeiro semestre tive um professor que juntou alunos de diversos cursos e montou um grupo grande. Nos dois últimos módulos foi quando conheci Elaine: terceiro-anista, mais velha que eu três anos, muito bonita, tinha 1,67m mais ou menos, um misto de japa com italiana, o que lhe dava um corpo belo e diferente do padrão comum das orientais tradicionais. No começo, fiquei receoso por causa da mudança, mas, por ela ser bem comunicativa e tranquila nas aulas, fui ficando mais à vontade e começamos a conversar e logo descobri que ela tinha acabado um relacionamento de anos.

Eu tinha que fazer as aulas antes do período do meu curso e duas vezes por semana. Então passei a vê-la às terças e quintas. O contato com ela e essa proximidade acabou gerando uma amizade, começamos a sair algumas vezes para conversar e, um belo dia, ela me tascou um beijo e um abraço bem apertado. Quando senti seu cheiro e aquele corpinho junto ao meu, confesso que já fiquei meio animado.

Por ser da cidade de Marília e ter conseguido vir estudar em São Paulo, por conta de uma bolsa conseguida via Colégio Adventista, ela morava em uma casa alugada com mais duas meninas no Jardim das Imbuías, próximo à faculdade.

Num sábado, ela me convidou para almoçar com ela e as amigas e assistir a um filme em sua casa, me apresentando como seu amigo. Pra mim tava tudo bem.

O filme tava rolando e, em pouco tempo, sinto ela encostar sua cabeça em meu ombro não resisti e a abracei e fiquei acariciando seus cabelos, à meia-luz ela parecia ainda mais bonita... E, mais tarde, ao nos despedirmos outro beijo e abraço daqueles...

Daí pra frente, começamos a ficar muito íntimos... Os dias foram se passando, a gente sempre se falando e uma vez criei coragem e a chamei pra sair e fomos num barzinho, na Avenida Atlântica. Conversamos bastante, comemos e, como no dia seguinte (sábado) teria aula pela manhã, ela me perguntou se não queria dormir em sua casa, afinal não haveria problema, pois as meninas que moravam com ela estariam fora no fim de semana e ela me emprestaria uma camiseta e

uma bermuda pra dormir e eu poderia acordar mais tarde, por estar perto da faculdade. Topei, avisei em casa e fomos embora.

Meu coração parecia explodir dentro do peito. Logo que chegamos começamos a nos beijar... E ficamos assim: nos beijando... Até que eu comecei a ficar excitado, ela começou a acariciar atrás da minha orelha e aquilo me deixou com muito tesão. Ela era experiente e já sabia o que fazer com um homem. Percebeu minha excitação e ficava sorrindo. Subi a mão próxima dos seus seios e comecei a apalpar, enquanto beijava o canto da boca e dava leves mordidinhas em seu pescoço. Aí comecei a ficar um pouco tenso pois, até então, nunca tinha ido além disso e, então, ela falou a frase com a qual iniciei esse texto.

Então ela disse: “eu já percebi que você não tem muita experiência, mas isso não vai nos atrapalhar”. Ela me deitou e sentou por cima de mim e começou a me beijar e dar pequenos chupões em meu pescoço. Nisso, meu pau já tava duro feito pedra... E enquanto me beijava, começou a tirar a minha roupa, calmamente, me tocando e me beijando carinhosamente... Foi me ensinando como despi-la, onde tocar e beijar e me puxou pra cama e começou a beijar meu pênis, eu já estava nas alturas. Como a bunda dela estava quase no meu rosto, então comecei a chupar sua vagina e quando senti minha língua se arrumou de uma forma que eu pudesse fazer do jeito que ela gostava e foi me orientando. Que coisinha vermelhinha e cheirosa! E já tava ficando toda molhada... Eu não sabia bem como chupar e fiquei explorando várias partes até que senti ela dar um gemido mais forte... E pensei: “aqui deve ser o ponto fraco!” Comecei a explorar aquela re-



gão mais sensível e os seus gemidos foram se tornando intensos até que ela girou o corpo e foi se colocando sobre mim e guiando meu pau pra dentro de si.

Com os movimentos mais intensos eu acabei gozando (perdi a virgindade!) relaxamos um pouco e ficamos assim por um momento até que ela se levantou e virou de frente pra mim e recomeçou a me beijar e me acariciar e sussurrou no meu ouvido “acho que agora você já sabe como fazer, vamos ver se aprendeu direitinho: eu quero mais!” Sentou no meu pau encaixando sua bucinha e começou a cavalgar gostoso e eu, por instinto, comecei a me mexer com os movimentos dela. Ela começou a gemer alto de novo e acelerar os movimentos... Descansamos um pouco abraçados e eu me perdi em meus pensamentos felizes... Naquele momento eu era como um rei: havia provado o maior prazer que a vida oferece...

Ficamos juntos até ela se formar e voltar pra Marília. E nesse tempo ela me ensinou muito sobre sexo.

Rafael Brandão

Quinta-feira, oito horas da noite, Marcelo dá a última tragada em seu cigarro enquanto olha da janela de seu apartamento no nono andar de uma avenida movimentada de São Paulo. Marcelo vive sozinho, não gosta da ideia de dividir sua casa com alguém semi conhecido, até tentou no início da faculdade, mas logo viu que não daria certo e, cinco meses depois, pediu gentilmente que seu colega procurasse um outro lugar para morar. Desde então mora sozinho no apartamento que aluga, metade pago com parte do salário que recebe de um estágio e metade com a ajuda de seus pais.

Marcelo solta a última fumaça e apaga o cigarro no cinzeiro ao lado. Diariamente, quase que como um ritual, Marcelo observa a cidade enquanto fuma seu cigarro, sempre tentando imaginar o que estaria fazendo todas aquelas pessoas em todas aquelas inúmeras janelas que seus olhos conseguiam ver, por vezes passava horas assim, criando histórias e ligando os pontos das fictícias histórias que criava em sua cabeça com estes personagens (ir)reais. Mas hoje, Marcelo só consegue pensar em uma coisa: perder a virgindade.

Olhando por aquela janela, Marcelo imaginava quantas pessoas estariam fazendo sexo naquele momento, no perímetro que seus

olhos alcançavam. Alguém estaria tendo sua primeira vez? Alguém estaria fingindo orgasmo? Algum casal seria pais daqui a nove meses? Quantas fantasias sexuais poderiam estar acontecendo? Algumas, que ele nem mesmo conhece.

Marcelo estava obcecado pelo assunto, pois estava próximo de completar vinte e três anos e não havia perdido a virgindade. Segundo ele, já passara da hora, pensava ser o único do seu círculo de amizades nesta situação. E hoje, Marcelo estava decidido a colocar um fim nessa história, custe o que custar.

Se afastou da janela, pegou um pacote de camisinhas que estava sobre a mesa e as guardou no bolso de sua calça jeans. Abriu a carteira e conferiu quanto dinheiro tinha, o suficiente para perder a virgindade. Marcelo não queria que sua primeira vez fosse pagando, até por isso nunca havia procurado uma prostituta antes e já recusara diversos convites de amigos para tal. Porém, desta vez Marcelo estava disposto a usar recursos financeiros que lhe rendessem uma noite de sexo, ou uma hora.

Passou perfume e se encarou no espelho por alguns segundos, como que conversasse em silêncio consigo mesmo. Pegou as chaves e saiu do apartamento.

Enquanto esperava o elevador descer os nove andares que separava seu apartamento do térreo, Marcelo quase não piscou os olhos, em compensação, seu coração bateu uma quantidade de vezes bem maior do que o normal para aquele período. Sua atenção só foi tirada pelo tranco do elevador parando no terceiro andar. Ao abrir a porta, uma

mulher alguns anos mais velha que Marcelo entra no elevador e lhe dá boa noite. Marcelo apenas conseguiu acenar a cabeça e pelos três andares restantes só pensou em fazer sexo com aquela mulher ali mesmo no elevador. Chegando ao térreo, ela se despediu e Marcelo voltou à realidade.

Saiu pelas ruas de São Paulo, fazia um pouco de frio, apesar de ser setembro, mas não o suficiente para precisar se agasalhar. Próximo ao prédio que Marcelo morava, havia algumas boates de luz vermelha e era para lá que Marcelo iria. Andava com as mãos no bolso e a cabeça levemente abaixada, como se quisesse se esconder, não queria encontrar com nenhum conhecido no caminho, mesmo sabendo que a chance de encontrar com alguém por acaso em uma cidade como São Paulo era mínima, Marcelo não quis correr o risco.

Estava tenso, suas mãos suavam e sua respiração estava ofegante. Chegou próximo a uma das boates, desacelerou os passos, olhou para a porta e passou reto. Não estava preparado, precisava de uma bebida.

Entrou em um boteco na esquina abaixo, sentou no balcão e pediu uma cerveja e um rabo de galo, este tomou de uma vez. Enquanto tomava sua cerveja, observava atentamente os movimentos ao seu redor. Queria que alguma mulher lhe desse bola para quem sabe, não precisar usar as notas altas de dinheiro que carregava em sua carteira. Isso não aconteceu e ele também não se aproximou de nenhuma. Pagou pelas bebidas e saiu com uma *long neck* em mãos.

Andou por alguns minutos sem rumo pelas ruas, passando algumas vezes pelas portas das boates ensaiando entrar em uma. Resol-

veu comprar um cigarro. Estava decidido, fumaria um cigarro e entraria em alguma boate, sem mais enrolação.

Entrou no primeiro boteco e se dirigiu ao caixa, à sua frente uma mulher com uma cerveja na mão também esperava e um outro cliente tirava o cartão da carteira para pagar sua compra. A mulher se virou e sorriu para Marcelo que sorriu de volta. Logo depois, uma nova olhada e Marcelo a encarou por alguns instantes. Ela puxou conversa e antes de Marcelo responder, a fila andou e o caixa gritou: “próximo!”

A moça paga por sua bebida e dá um passo para o lado, Marcelo, por sua vez, pede um cigarro solto, agradece e paga. Marcelo se vira para a mulher, que estava o aguardando, e pede o isqueiro emprestado, ela tira o isqueiro da bolsa e quando Marcelo vai pegá-lo, ela puxa com a mão e sai andando para fora do boteco, ao sair, olha para trás e sorri para Marcelo.

Marcelo vai atrás, pega o isqueiro e acende seu cigarro, a moça também acende um e ambos fumam enquanto conversam. Seu nome era Alice, ela contou para ele que nascera e crescera no interior e veio para São Paulo aos 15 anos com sua irmã para morar com a avó, quando sua mãe falecera, seu pai havia se abandonado ainda na infância.

Alice disse que iria encontrar um pessoal ali perto e perguntou se ele não queria acompanhar. Marcelo demorou para responder, pois o que ele queria mesmo era uma coisa só: perder a virgindade. Se ele a acompanhasse, teria grande chance de ficar com ela, mas não era garantido que transariam e Marcelo não queria esperar nem mais um

dia sequer. Alice percebeu uma certa defensiva e fez uma nova proposta: ir até o apartamento dela.

Aquelas palavras ecoaram na cabeça de Marcelo, que mal conseguia reagir, era o sinal que tanto esperava. Marcelo aceitou de prontidão. Terminaram o cigarro e pegaram um táxi na rua lateral.

O apartamento de Alice ficava no centro da cidade, não muito longe dali e após uns dez minutos de carro, o táxi estacionou em frente ao prédio indicado por ela. Marcelo fez questão de pagar. Entraram então no prédio por uma grande porta de vidro, não havia porteiro, o hall de entrada tinha um pé direito duplo e mobílias velhas, percebia-se claramente que era um prédio bem antigo.

O elevador era daqueles que se puxa uma grade sanfonada, entraram e Alice apertou o quinto, andar onde morava. Dentro do elevador, Marcelo questionou se estariam sozinhos no apartamento, Alice respondeu que sua irmã provavelmente teria saído e que sua avó estaria em casa, mas que não precisava se preocupar com ela.

Chegando ao quinto andar, se dirigiram até à porta do apartamento, Alice abriu e ambos entraram. Alice acendeu a luz, uma luz amarela, que quase não iluminava nada. O apartamento era grande e todo com mobílias antigas, o chão de madeira gemia a cada passo. Um cheiro de mofo tomava conta do ambiente.

De repente, uma outra mulher aparece e Marcelo se espanta quando percebe que a irmã de Alice, era sua gêmea idêntica, Aline, que decidira ficar em casa naquela noite. Do cômodo ao lado, ouvia-se um barulho de televisão ligada, Marcelo perguntou se era a avó delas e se

não estaria a incomodando. As irmãs riram e apenas balançaram a cabeça negativamente.

Alice sugeriu irem à biblioteca para ficarem mais à vontade, Marcelo não sabia o que estranhava mais, se era o fato de ter uma biblioteca no apartamento, ou o convite para irem a tal lugar ficarem mais à vontade. Antes de irem, Aline pegou uma garrafa de uísque e três copos, Marcelo pensou em pedir para pegar gelo, mas desistiu da ideia.

Foram então para a biblioteca, Aline na frente com a garrafa e os copos, e logo em seguida, Alice puxando Marcelo pela mão. A biblioteca ficava em uma sala anexa à sala de televisão e ao entrarem nesta, Marcelo viu a avó sentada em uma poltrona em frente à televisão ligada. Quando cruzou com a senhora, reparou que ela estava estática, de olhos abertos fixos para a parede atrás da televisão. Marcelo estranhou e Alice contou para ele que a avó sofria de alguma paralisia que Marcelo não entendeu e não quis saber detalhes.

Passaram pela sala e entraram na biblioteca e, sem acender a luz, Aline foi logo abrindo a garrafa e servindo a todos. Alice sugeriu que Marcelo se sentasse em uma poltrona perto de uma das estantes de livro e ele assim o fez, Alice sentou no braço da poltrona e Aline na mesa em frente.

Ficaram por um tempo tomando uísque e conversando, Marcelo observava cada canto daquela biblioteca. Nas estantes, incontáveis livros, sendo que muitos deles apresentavam bolor, deveria fazer anos que ninguém pegava um livro para ler naquela sala, talvez desde quando a avó ficara naquele estado.

Marcelo olhou pela porta que entraram e deu de cara com a avó sentada exatamente do mesmo jeito em que havia visto minutos antes, a encarou por uns segundos e quando foi falar para fecharem a porta, Alice virou seu pescoço em sua direção e o beijou. Marcelo correspondeu ao beijo e logo o clima esquentava, ainda mais quando Aline se aproximou, sentou em cima de Marcelo e também começou a beijá-lo.

Marcelo estava em êxtase com a situação, beijava e acariciava as irmãs efusivamente. À certa altura Marcelo já nem sabia mais quem era quem e uma delas se abaixou e abriu o zíper de sua calça e começou a lhe chupar, em seguida a outra irmã também se abaixou e em um movimento sincronizado, alternavam as bocas a cada descida e subida no pênis de Marcelo.

Marcelo mal podia acreditar no que estava acontecendo, estava em uma biblioteca empoeirada em um apartamento desconhecido do centro, repleto de móveis antigos e com assoalho de madeira que estalava frequentemente, um cheiro misturado de mofo com perfume barato exalava na casa, a iluminação apenas da TV na sala ao lado e do neon azul que vinha do hotel do outro lado da rua e passava pelas frestas da janela de madeira, o som era intercalado entre barulhos bucais e a televisão ligada. Marcelo olhava para baixo e via dois rostos idênticos se alternando em um boquete sincronizado, olhava para o lado e se deparava com a figura mórbida da avó que por vezes parecia lhe encarar com um olhar profundo. Tudo aquilo era surreal.

Era um ambiente hostil, fétido e soturno, Marcelo se sentia em um conto de Nelson Rodrigues, mas, ao mesmo tempo, se sentia vivo

como nunca, estranhamente vivo apesar do ambiente mórbido que se encontrava.

Estava tão extasiado e envolvido com a situação, que se deixou levar completamente pelas irmãs que assumiram o controle de tudo, Marcelo apenas reagia aos movimentos das gêmeas, que faziam tudo com uma naturalidade incrível.

E foi em meio a tudo isso que o cercava, que logo depois, finalmente perdera sua virgindade, não sabe ao certo se primeiro foi com Alice ou com Aline, mas não importava, isso era o de menos naquele momento. Até se esqueceu por uns instantes da figura da avó que parecia observar tudo de maneira onipresente.

Marcelo perdeu a noção do tempo, e quando caiu em si, estava nu na poltrona, Alice debruçada na janela fumando cigarro e Aline deitada no chão, ambas também nuas. Marcelo se levantou colocou a calça e foi fumar junto à Alice. Não se trocou mais nenhuma palavra até o momento em que Marcelo disse que precisava ir embora.

Despediu-se de Aline e seguiu Alice, ainda nua, até à porta do apartamento, ao passar pela senhora, sentiu que seu olhar o acompanhou, Marcelo sentiu um frio na espinha e apressou o passo. Deu um último beijo em Alice e saiu do apartamento.

Desceu pelo elevador, apertou o botão que abria a grande porta de vidro e saiu para a rua. Decidiu voltar a pé, não lembra direito quanto tempo levou, sua cabeça estava longe, não conseguia tirar da cabeça aquelas imagens que tivera pouco tempo atrás. Sentia uma mistura de sentimentos, chocado pela situação inusitada e ao mesmo tempo

feliz e aliviado por ter perdido a virgindade. Definitivamente não foi nem perto de como imaginava que seria, talvez por isso, dessa vez finalmente havia acontecido, de maneira inesperada e sem que ele tentasse prever.

Chegou em casa e foi direto fumar um cigarro na janela e ali ficou por um tempo refletindo sobre tudo. Pensou se veria as irmãs novamente alguma vez, não tinha seus telefones, mas sabia onde moravam. Quem sabe se cruzavam pelas noites paulistanas novamente.

Ficou um bom tempo olhando a vista, observou e filosofou sobre todas as janelas acesas que viu. Quando o dia estava próximo de amanhecer, finalmente se deitou, ficou olhando fixamente para o teto, até que sucumbiu ao sono e fechou os olhos.



Três histórias sobre a perda da virgindade

Fabio da Silva Barbosa

Pedrinho era tímido e completamente fora dos padrões impostos. Não tinha amigos ou era tido como alvo pelas meninas de sua idade. Perto de sua casa tinha um grande prostíbulo. Um casarão com piscina, estacionamento, sauna e vários ambientes. Passava sempre em frente e ouvia as histórias que circulavam pelo bairro. Juntou o dinheiro da merenda e foi visitar o ambiente.

O porteiro acompanhou sua entrada com olhar desconfiado. Pedrinho engoliu o nada, temendo ser barrado devido sua pouca idade. Continuou entrando, fingindo não reparar no porteiro. Tudo certo. Passou pelo estacionamento e pela piscina. Vários homens e mulheres se divertiam nela. Entrou na primeira sala do casarão. Um senhor veio recebê-lo.

– Procurando alguma coisa?

Pedrinho olhou para as belas mulheres desfilando com suas roupas íntimas e disse que gostaria de saber o preço para levar uma delas para o quarto. O senhor sorriu e passou a tabela.

– Uma hora tá bom.

O senhor então o encaminhou para uma salinha onde várias mulheres estavam sentadas. Ficou em dúvida. Muita opção. O senhor

reparou na dúvida do jovem e fez um imperceptível sinal para uma delas, que se aproximou sorridente.

– Oi.

– Oi.

Quarto bem arrumado, perfume agradável e todo um tratamento vip. Após o ato, se deitaram lado a lado.

– E aí? Gostou?

– Sim, foi ótimo. Voltarei sempre.

– Foi sua primeira vez, né?

– Foi.

– Você mora por aqui mesmo?

– Moro duas ruas pra lá.

– Tenho um cliente que mora ali. O nome dele é Gastão. Ele vem sempre e tem até conta na casa.

Pedrinho então soube que não poderia comentar com seu pai sobre a aventura, pois o mesmo poderia saber que o filho tinha descoberto seu segredo.

Paulinho passava por uma pracinha no centro da cidade. Tinha acabado de receber o salário de boy do escritório e pensava em comprar alguma coisa de seu interesse. Talvez fosse visitar aquela banca especializada em revistas pornográficas.

De repente uma voz o tirou de seus pensamentos.

– Vai pra onde?

Olhou e viu uma senhora de aproximadamente 60 anos se aproximando.

– ...

– Quer se divertir?

– ...

– Cobro vinte pelo programa e dez do motel.

– ...

– Vem.

A senhora o pegou pela mão e o levou até uma portinha na quadra seguinte.

O lance foi o básico. Só papai e mamãe. Sempre que o jovem tentava uma posição diferente, a experiente senhora dizia que “assim não”. Acabado o ato, Paulinho viu a senhora tomando um banho. Levantava os grandes peitos para lavar embaixo e ensaboava bem cada dobra de sua barriga.

Saindo do banho, a senhora se vestiu, pegou a bolsa e foi para a porta:

– Vai ficar aí?

– Ficarei mais um pouco.

Ao ver a porta fechar, Paulinho pensou em sua avó, nas meninas de sua rua, nas coleguinhas de colégio e nas mulheres das revistas de sacanagem. A coisa não foi bem como ele pensava. Pegou o pênis e tocou uma punheta.

Jorge era um adolescente comum. Gostava de ouvir rock, se masturbar e enlouquecer. Parou certo dia em um botequim e pediu uma cerveja. O calor era grande e o líquido descia gostoso pela garganta. Na mesa ao lado, estavam dois homens bebendo e conversando animadamente. Durante a conversa, eles olhavam para Jorge e depois trocavam olhares significativos. Jorge acendeu um cigarro.

– Me empresta o fogo. – pediu um deles.

– Claro.

– Não quer vir sentar com a gente? – sugeriu o outro.

Conversaram bastante, tomaram cerveja e deram risadas.

– Quer cheirar um pó? – ofereceu o que anteriormente pediu o fogo.

– Claro.

– Então, vamos ali em casa. É ali do outro lado. – disse apontando o prédio em frente.

Partiram os três para o prédio. Chegando no apartamento, o anfitrião serviu cerveja, colocou um filme de sacanagem no vídeo cassete e esticou as carreiras sobre a mesa de vidro.

O filme era uma produção caseira, no qual os atores eram os dois novos amigos de Jorge e um rapaz. Os dois riam e faziam comentários interessantes enquanto assistiam ao filme.

– Vamos cheirar mais uma?

Passado algum tempo nesse ritmo, Jorge sentiu que uma mão deslizava sobre seu pênis. Deu uma olhada e pelo outro lado sentiu outra mão alisando seu rosto. Carícias, sussurros e roupas lançadas pelo

chão. Muito beijo. Algumas horas depois, Jorge descia as escadas pensando em como a vida era interessante. De uma só vez perdeu a virgindade de diversas formas diferentes. Deu uma golada na lata de cerveja que trouxe de souvenir e pensou no que faria pelo resto do dia.

Santiago

Para muitos homens, apenas quando temos nossa primeira experiência sexual é que defloramos para a vida adulta. Uns são mais tranquilos quando indagados a esse assunto, e outros já são mais afoitos, querendo para ontem, se livrar desse peso que a virgindade carrega. É conversa com a molecada, tiração dos colegas, um sempre querendo falar do outro etc. Até então tudo normal na juventude de um garoto da sociedade ocidental moderna.

Eu acabei não fugindo muito dessa máxima também. Sou uma pessoa bem sossegada para com a vida, sem stress mesmo, e nem esse episódio fez com que fosse com muita sede ao pote. Era apenas um rapaz, latino-americano sem dinheiro no bolso, querendo alguém que gostasse de mim como eu sou. Não que eu seja um primor da beleza hercúlea de padrões gregos e fibonáticos, mas tenho sim meus valores (poucos, mas tenho) e, com isso, até que fui em busca de um amor para chamar de meu.

Em um encontro com os amigos, tinha um grupinho de moços e moças, no melhor estilo quermesse de cidade do interior e, assim, fomos para o "approach" com as damas. Começamos a conversar, e eu, tímido, fui estranhamente puxando assunto com uma garota, bonita, interessante, de boa prosa e, com isso, fomos nos encantando

com as besteiras sem nexos que um falara para o outro (eu mais e ela quase nada). Fui embora, até então normal, e daí terminou a "mística". Passou-se o tempo, a garota acabou me encontrando nas redes sociais da modernidade internética e veio, como quem não quer nada, a puxar assunto. Conversa vai, conversa vem, combinamos de sair para tomar um suco, porque não bebo. É meio chato porque fica mais complexo para sociabilizar chamando para tomar um suco de polpa de manga, mas vamos levando. Assim saímos, conversamos, foi bacana, pans, e tales, e daí, acabamos ficando. Foi bonito foi, foi bonito fooui, e aí teve aquele momento de "caramba, precisamos ir para algum lugar", e com toda a minha coragem (que é nula) fomos para um local que sempre passava na frente. Um lugar tímido, simples, rústico, quase uma choupana do amor, e resolvi adentrar no antro rústico das relações interpessoais, junto com a moça. Era um lugar diferente, escondido atrás da beira da rodovia, de difícil acesso, onde ninguém entrava e... descobri porque ninguém entrava.

Lá fui eu, fazendo parzinho com a donzela, passando na recepção e vendo que não existia ninguém na guarita, pois o lugar era um terreno gigantesco com várias "edículas" no fundo, que provavelmente deveriam ser as "suítes", e assim que chegamos na entrada, soou aquela sineta de segurança por três vezes. De repente, sai correndo de dentro de uma casa que deveria ser a "base central" do local, e assim, veio ao nosso encontro uma moça de meia-idade, simpática, e nos atendeu. Já solicitou os documentos e pediu o pagamento na entrada. Não entendi o porquê, pois ela estava com nossos documentos, e não conseguiríamos

fugir de lá para não pagarmos depois, nem mesmo se a gente pulasse para o terreno baldio do lado, que estava com o matagal muito denso.

Foi e pronto, R\$28,00 três horas. Um valor bem abaixo do que poderia se imaginar. Fomos para a “suíte” 14. Uma casinha, parecendo muito aqueles condomínios que temos a porta veneziana na entrada com uma janela. Abrindo a porta, temos apenas a cama, uma TV dentro de uma grade de metal, um banheiro que tinha apenas o chuveiro, a pia e o vaso sanitário, um pacote de toalhas e um cobertor, daqueles de feltro cinza. Um puro requinte para uma noite de um belo final de semana a ser iniciado. Adentramos-nos, mas que beleza, um frio do caramba. Achei interessante como era a cama, pois o piso era de pedra “ardósia”, e a cama era de tijolo e cimento, revestida com a mesma pedra, daí veio o apelido do ninho do amor, “cama de pedra” e, dentro dela, existia um complexo e moderno sistema de som, onde você não conseguia sintonizar outra frequência ou colocar entradas para suas músicas. Até aí tudo bem, caso a gente não conseguisse tirar a rádio de forró risca-faca que se encontrava a sintonia, e também não conseguíamos regular o volume da música.

Tudo certo, após perdemos quase 10 minutos do precioso romantismo nessa “descoberta” antropológica de um local atípico para se fazer um amor, fomos nos deitar juntinhos e termos finalmente aquela agradável cópula. Estava tudo muito ótimo, começara as carícias afetivas, os gestos compartilhados, aquelas risadas soltas, lindo demais como uma novela das nove, até escutar um forte barulho do lado de fora. É lógico que tivemos que abrir a janela para ver o que

acontecera. Teve um pequeno acidente com uma Quantum verde na jardineira da suíte da frente, onde arrancou uma parte do para-choque da mesma, mas o motorista estava um tanto quanto alterado devido a substâncias ilícitas que deu ré e foi sentido a saída.

Voltamos à estaca-zero e recomeçamos a proeza de tentar o gozo naquele lugar diferenciado.

Abraços, mão aqui, mão ali, ela em cima, ela embaixo, ela do lado, ela do outro, eu plantando bananeira, nossa, o que era aquilo. Pensava que vendo filmes adultos, teria mais “horas de voo” para a hora H, não adiantou muito, pois parecia que estava fazendo uma entrevista para entrar no Cirque Du Soleil, de tanto malabarismo que fazia. Eu que já não tenho um porte físico avantajado, até que aguentei bastante, e não deixei a parceira na mão. Nem lembramos de ligar a TV de tubo de presidiário que estava literalmente presa no teto da suíte.

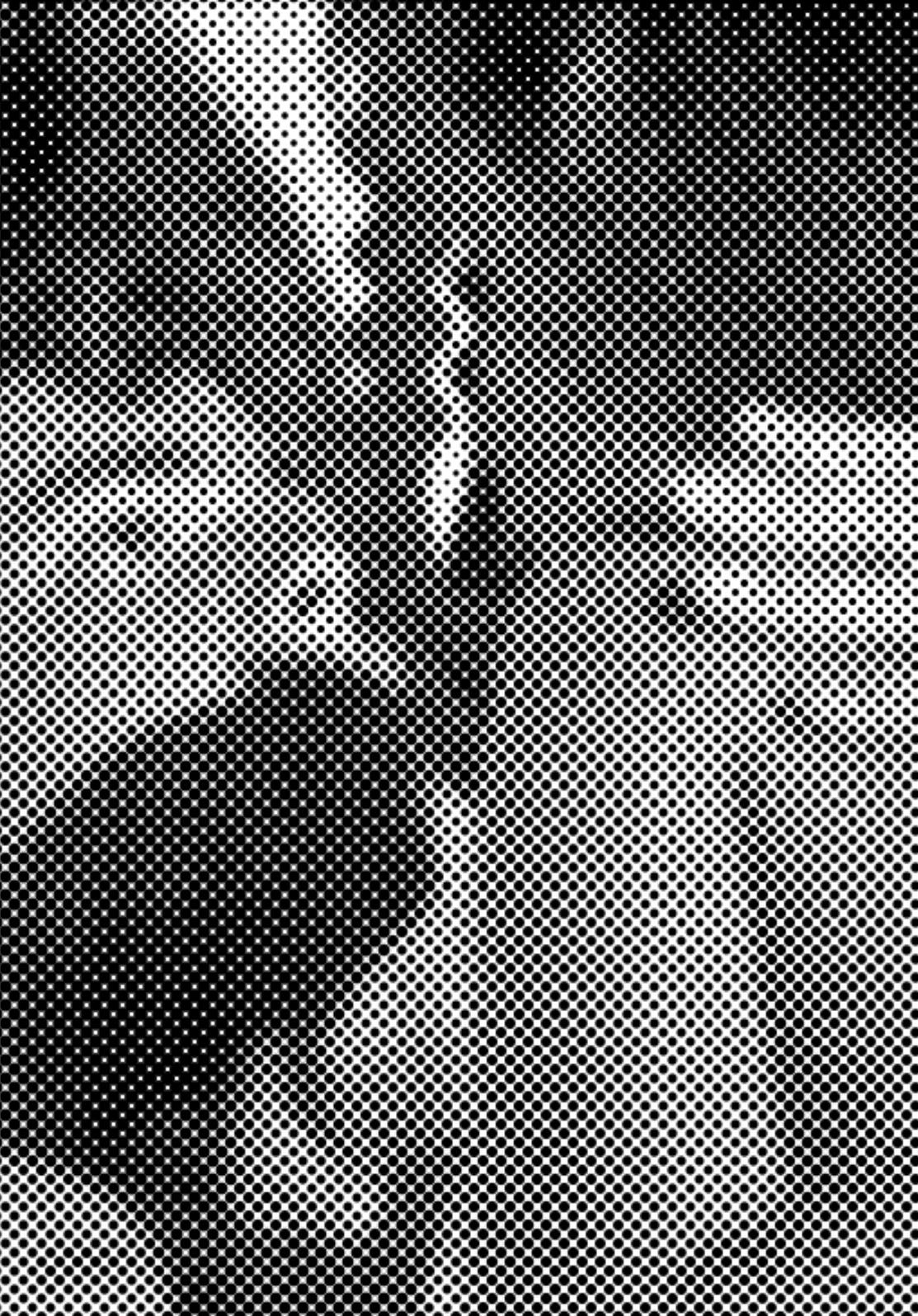
E fomos para o segundo tempo, após uma primeira etapa de sucesso e com o time bem postado em campo. Ela queria de quatro, aquele jeito que uma grande porcentagem das mulheres chega ao êxito do orgasmo, e eu, tremendo mais do que vara verde, fui lá. Queria mesmo era agradar a parceira, isso é mais do que uma obrigação, pois os dois têm de ter prazer. Fui eu lá, estava na preparação observando toda aquela sublime paisagem que estava em minha frente, e me preparei. Me senti a Hortência na hora do lance-livre de três pontos. Dei até aquela respiradinha clássica dela, e fui lá. Quando fui começar, escorreguei no piso de ardósia que estava um pouco úmido, e caí, nu, naquele chão gelado e que já deve ter visto todas as substâncias des-

truidoras desse e de outros mundos, daí lascou tudo. Tesão perdido, moça enrolada no cobertor de mendigo sentada na cama e eu indo para o banheiro me lavar com um sabonete que se assemelhava a um Mentex devido ao seu minúsculo tamanho.

Beleza, consegui a façanha de me lavar rapidamente, sem deixar o clima se perder (tanto), voltei e consegui reverter o jogo. Fui lá, acabei levando para a prorrogação, mas só no oral é que a levei para as alturas. Ahhhh, era o êxito da noite no “cama de pedra”. Eu não fumo, mas só faltou no final, os dois estarem com seu Derby entre os dedos e soltarem aquela clássica pergunta: “Foi bom para você?”

Após isso, o telefone toca, era a moça da guarita dizendo que nosso período tinha terminado (como passa rápido!), e eu até pensei, “caracoles, acho que essa moça deve ser a única funcionária daqui, então tratei logo de correr para me arrumar, pois sabia que a moça teria que limpar o quarto após nos devolver os documentos.

Passando por essa etapa, o casal feliz e inocente juvenil, foi de encontro com a portaria, onde cada um pegou seu documento, fez aquela clássica brincadeira com a foto de dez anos, nos despedimos da senhora gente-fina e fiquei com ela no ponto de ônibus esperando sua linha. Demos um beijo de despedida, ela me olhou com aquele jeito de “que coisa louca fizemos, mas gostei” e eu retribui com aquele olhar de “tosqueira pura, mas foi bom demais”, e assim, cada um retornou para sua casa, um pouco mais feliz, por ter conhecido e desbravado o “cama de pedra”.



Tony Guerra

Meu nome é Tony, tenho 29 anos e vou contar com foi minha primeira vez.

Meus amigos começaram a ter suas vidas sexuais iniciadas e eu, sendo o mais velho da turma, me senti obrigado a ter a minha primeira vez. Mas só fui experimentar o sexo muito mais tarde que eles.

Meu melhor amigo é o Tiago, mas todos o chamam de Capivara. Sempre estávamos juntos e ele tinha uma prima insuportável e que, segundo ele, tirou seu cabaço. Depois que ele me contou que perdeu o cabaço com ela, comecei a investir, mas ela era broxante de tão insuportável. Acabei desistindo.

A mãe do Capivara sempre arrancou suspiros da galera quando passava enquanto jogávamos futebol no campinho ao lado da minha casa. Ela era linda, cabelos ruivos encaracolados, sempre perfumada, maquiada e com roupas curtas. Eu era apaixonado por ela, principalmente quando ela saía de bicicleta usando um vestidinho branco transparente marcando a calcinha fio dental. Era de cair o queixo. Se ela soubesse quantas bronhas foram tocadas em sua homenagem, ela nunca mais sairia na rua sem usar roupas provocantes.

Veza ou outra a mãe do Capivara me convidava pra tomar café da tarde lá na casa deles. Como eu era um morto de fome, aceitava sem hesitar.

O Capivara perdeu seu cabaço com 13 anos e eu, com 19, ainda não tinha perdido. Sempre fui bunda mole, nunca queria chegar em uma menina e tinha medo da rejeição e do não.

O tempo passou, namorei duas meninas e nenhuma das duas me deu. Eu não tentava passar a mão em nada, achava isso de mal gosto e acreditava que tinha que esperar me apaixonar para ter a minha primeira vez.

Todos os amigos que eu tenho sempre se vangloriaram de suas histórias com mulheres e meninas. Acredito que sempre contavam fatos que nunca aconteceram, mas tinham que contar tudo como se fosse um jogo muito difícil que tinham ganhado. Eu mesmo, uma certa vez, contei uma mentira pra não sair por baixo e muito menos ser criticado pelos garanhões do grupo.

Era primeiro de abril, o Capivara bateu lá em casa aos prantos. Chorava copiosamente e não conseguia falar. Em suas mãos tinha um papel que apertava com muita força a cada soluço que dava. Era um bilhete da sua mãe. “Filho, você um dia vai entender porque fui embora. Mamãe um dia voltará. Tenha fé em Deus e saiba que a mamãe te ama muito.”

Putaqueopariu! O Capivara tinha só 19 anos e a mãe o abandonou por uma pica! Ela deixou uma lojinha de doces para o filho e se mandou com um cara que sempre ia lá na casa deles pra comer a sua mãe.

Minha mãe sempre trabalhou muito e tinha um trabalho muito bom em uma empresa de cosméticos. E sempre gostou muito dos meus amigos. Era normal nos finais de semana ela chamar a meni-

nada pra tomar café da tarde, assim como a mãe do Capivara fazia. Ela adorava o Capivara.

Ela amava o seu trabalho e um dia uma vaga de trabalho em outra cidade foi oferecida à minha mãe. Ela não pensou duas vezes e aceitou a transferência pois seria melhor para ambos. Eu, já com 25 anos, funcionário público, era só pedir transferência e me mudar com minha ela pois não queria deixá-la sozinha.

Nunca perdi o contato com o Capivara e, sempre que consigo, vou até a casa dele e passo um final de semana ou um feriado prolongado. Mas ele nunca nos visitou.

Ao longo dos anos, Capivara desembestou: começou a beber, fumar. Levava várias minas pra casa dele, sempre o enganavam ou roubavam alguma coisa da casa dele. Aos 27 anos já tinha comido mais da metade da cidade onde morávamos.

Sempre quis ser igual ao Capivara. Um dia liguei pra ele e perguntei como conseguia tantas minas e ele respondeu “Baixa o Tinder! Não tem erro, as minas querem a mesma coisa que você e não te roubam igual essas minas que você encontra na rua”. Eu não sabia o que era esse tal de Tinder. Segundo o meu grande amigo, aquilo era a melhor coisa que tinham inventado no mundo. Era o Fuckbook: era entrar, curtir, bater papo e “Palau!” comia a mina.

Sempre fui inimigo da tecnologia e meu celular era tão ruim que não baixava nenhum aplicativo. Maldita tecnologia que faz você trocar de celular só para ficar atualizado. Bom, fui a loja de celular e comprei um celular novo com o cartão da minha mãe.

Celular comprado, carregado, WiFi conectado. Baixei o Tinder. Coloquei a foto e comecei a ajustar as configurações e filtros. 27 anos, solteiro à procura de uma paixão. Esse era meu perfil no Tinder.

Nos primeiros dias, nenhuma curtida recíproca, nem dando super curtidas. Comecei a desistir até que tive a brilhante ideia de mudar o filtro para mulheres mais velhas e a uma distância maior da minha casa. Pronto! Uma curtida, um match! E vários matches consecutivos. Pensei comigo mesmo: “essas coroas querem pica. Deixa pra mim!”

Era tarde, já tinha voltado do trabalho quando uma mensagem chega e eu abro instantaneamente. Era uma coroa, 50 anos, gostosa e safadona e suas fotos sempre mostrando o corpo, somente o corpo. Conversamos muito, falei da minha vida, ela falou da dela e jogou limpo, queria trepar porque o marido não dava conta. Eita mulher fogosa! Nessa idade e ainda trocando o óleo! Deixa pra mim que sou canhoto!

Marquei com ela lá em casa, minha mãe foi trabalhar e ficaria o dia todo fora. Era um sábado, época natalina. E combinei com a “coroa”. Seu nome no Tinder era Rô.

Cortei os pelos do saco – todo filme pornô os caras têm os sacos pelados –, comprei umas cervejas e fiquei esperando a Rô.

“Tô chegando gato! Espero que esteja pronto pra saciar minha vontade de trepar!” Ela estava a 5 minutos de onde eu morava e eis que minha mãe chega em casa. Chegou mais cedo, terminou o que tinha que fazer e voltou pra casa. Fodeu! A Rô já estava a caminho e minhas mensagens não eram enviadas, ela não as recebia, eu ligava pra ela e caía na caixa postal. E agora?

Minha casa é comprida, eu morava na parte dos fundos e minha mãe na parte da frente. Ela, com certeza, ia ver a coroa chegando e tocando a campainha.

A minha vizinha sempre puxava assunto com a minha mãe e as duas ficavam horas conversando escoradas no muro que dividia os terrenos. E, pro meu azar, assim que minha mãe chegou começou a conversar com a vizinha. A conversas pareciam intermináveis – especialmente essa – e várias vezes aquilo me irritava porque sempre acabavam falando mal de alguém. Quando isso acontece, eu vou até meu quarto, pego o telefone e ligo pra minha mãe pra atrapalhar a conversa dela com a vizinha e minha mãe entra em casa e, assim, cessam as conversas inconvenientes. Fofoca é uma coisa que eu abomino.

A Rô estava chegando, tentativas de contato sem sucesso. Tive que jogar sujo: liguei pra minha própria casa pra minha mãe atender, mas como eu faria pra distraí-la até a Rô chegar e fazer com que ela entrasse sem a minha mãe ver?

Por três vezes liguei e desliguei assim que a minha mãe atendia o telefone. Ganhei tempo, mas o tempo era curto. Meu Deus, me dê uma luz! Como vou fazer isso? Como? Entrei na parte da casa da minha mãe. Ela estava sentada no sofá com o telefone sem fio na mão e disse que tinha alguém ligando mas não falava nada quando ela atendia o telefone. Falei que devia ser engano.

Já estava quase saindo na rua e esperando a Rô chegar e cancelar tudo quando olhei pra minha mãe e lembrei que ela odiava ficar com o cabelo sujo. Bingo! Soltei, uma bomba, sem dó nem piedade: “Mãe,

teu cabelo parece tão sujo”. Pronto! Ela levantou imediatamente do sofá, foi até o banheiro e confirmou. “Ai filho, você tem razão!”

Resolvido. Ela foi pro banho e deu tempo da Rô chegar. Assim que ela chegou, abri o portão, peguei ela pela mão e me tranquei no meu quarto. Quando virei o corpo, ela já estava deitada na cama, sem sapatos, pernas cruzadas, vestido branco, peitos fartos, pele branquinha, cabelos ruivos e me encara... Caralho! Era a mãe do Capivara! Puta la merda! Ela não me reconheceu, eu tinha engordado, seis anos me deixaram irreconhecível, a barba tinha crescido. Meu coração pulava mais do que criança no pula-pula do Habibs. Ca-ra-leo!

Bom, abri uma cerveja, sorri e falei: “Finalmente!” Ela também sorriu e perguntou se ela era o que eu esperava. Mal ela sabia quem eu era e quantas bronhas aquáticas no banho já tinha batido pra ela.

Capivara me perdoe, mas vou comer a sua mãe! E palau! Foi pro saco! E falando em saco, ela adorou meu saco sem pelos. Melhor ideia! A minha inexperiência nem foi notada, ela era uma expert. Boa de cama, canelas finas, bunda e seios fartos. Enquanto ela boqueteava, eu fechava os olhos e a única coisa que vinha na minha cabeça era aquele vestidinho branco transparente que, finalmente, tive a oportunidade de tirar do corpo dela. Foram várias fodas que demos, ralei o pau e ela pegava a minha mão e perguntava se eu sentia que os seus lábios vaginais estavam inchados.

Fodemos como se fosse a última vez de ambos (lembrando que aquela era a minha primeira). Deitada no meu peito ela fala: “Tenho um filho da sua idade” Porra! Eu sei! “E que ele me perdoe”, pensei.

Minha mãe depois do banho dormia igual uma pedra e aproveitei esse sono pesado dela e me despedi da Rosângela, mãe do meu melhor amigo.

Uma semana se passou e ela queria de novo, mas pediu pra irmos a um motel. Nos encontramos num posto de gasolina e fomos pro motel. Foi mais insano ainda, muito melhor do que a primeira.

A Rô não falava muito depois do sexo e lembro que suas últimas palavras foram: “Um dia você vai entender porque fui embora”.

Um ano e quatro meses se passaram desde a minha primeira vez e era Tiradentes, feriado prolongado. Fui visitar meu amigo Capivara. O peso na consciência era destruidor. Mas ele era meu amigo e não queria perder essa amizade. Cheguei na sua casa, fui recebido com o maior sorriso do mundo, o abraço apertado, as lágrimas no rosto eram de saudade, a cerveja gelada já saía quase que automaticamente da geladeira. Risadas, insultos que só amigos de verdade trocam e tudo parecia normal.

Sentamos na sala. Era uma sala gigante e tinha uma porta que dava para o corredor que levava aos quartos. A janela da sala estava aberta, as cortinas balançavam por causa do vento que vinha dos quartos. O vento por um instante trouxe um perfume delicioso que me remeteu a alguma coisa muito boa, mas não consegui lembrar o que.

Capivara estava feliz, radiante e disse que tinha que me contar uma coisa. Pronto, pensei: “O FDP vai casar, deve estar apaixonado”. Não, assim que ele começou a contar o cheiro que vinha dos quartos ficou mais forte e lembrei o que o cheiro trazia. Trazia lembranças da

minha primeira vez, era o perfume da mãe do Capivara. E a notícia que ele me contou era: “A minha mãe voltou!” Congelei! Quase morri... E ela entrou na sala e também congelou, ficou pálida, não se movia! Nos reconhecemos e ela agora sabia que o amante descartável era eu, Tony, melhor amigo do seu filho.

Ela não ficou muito conosco e logo arrumou uma desculpa pra sair. Não pensei duas vezes e contei tudo pro Capivara. Ele riu, baixou a cabeça. Assim que levantou a cabeça, sorriu e pediu desculpas. Eu disse que quem devia pedir desculpas era eu. Mas ele insistiu e revelou que o maior motivo da minha mãe ter se mudado não foi o trabalho, foi porque ela e Capivara tinham se apaixonado e que a sua primeira vez não tinha sido com a sua prima e sim com a minha mãe. E, assim, entendi a pressa e o porquê da minha mãe ter se mudado praquela cidade tão longe.

Hoje continuamos sendo os melhores amigos, mas nossas mães não sabem que sabemos de tudo. Amigos para sempre, afinal chumbo trocado não machuca.

Roberto Gotts

O momento tão esperado na vida de um homem. A primeira vez. Um momento que a gente se prepara como se fosse o último esperando que não seja o último. A garota escolhe com quem será sua primeira vez, e o garoto espera ser o escolhido.

Ele com um lindo vestido florido em tons de rosa bebê bem discreto com uma echarpe suavemente jogada no pescoço.

Ela com belíssimo terno azul sem gravata, um suntuoso bigode que mais parecia uma vassoura e um par de sapatos que lembravam pés de pato.

E lá estavam eles naquela típica festa a fantasia dos anos 80. Festa dos invertidos. Garotas vestidas de garotos e garotos vestidos de garotas. Difícil não pegar a pessoa errada (alguns meninos ficaram realmente lindas). Na vitrola, Gilberto Gil cantava a ilusão de que ser homem bastaria. Ele e ela nem se notaram a festa toda. Ele meio tonto com a caipirinha de gotas de limão. Ela totalmente bêbada com a vodca barata. Lá pelas tantas depois de algumas garrafas quebradas, uma visita da polícia, uma briga que até hoje não sei se eram entre duas lésbicas ou dois travestis e dois comas alcoólicos...

Ela: Vamos fazer neném?

Ele: (pra ele mesmo) Que horrível!!! Neném não!!!

Enfim foram tentando se comunicar, mas foi em vão. Chegaram no Fusca 77 dela.

Ele: (pra si mesmo) Por onde começar?

Ela sabia e começou.

Os joelhos dele doíam. Estava apertado naquele Fusca. Bem, naquelas alturas ela não sabia mais qual era a perna dele. Tirar um terno é bem mais difícil que levantar um vestido. Nisso ele ganhou agilidade. Enfim os objetos do ato estavam livres e ventilados prontos para o ato gineco-peniano.

Ele: (pra si mesmo) Será que está certo?

Devia estar. Ela estava gemendo. Mas ele tinha dúvidas se era de prazer ou pelo fato do pé dela estar preso no breque de mão. Sempre achei inúteis aquelas alças internas do Fusca que ficam nas janelas traseiras até ela descobrir uma função prática: colocar os pés. O suor que escorria não era de prazer, mas servia como lubrificante. Do lado de fora, uma pequena plateia assistia ao desenrolar da façanha. Fusquinha, carrinho resistente! Beijos, mordidas, suor, gemidos, dores lombares. Tudo fazia parte. Como explicar a sensação? Era quente. Eram lábios úmidos que o envolviam de prazer. Era bom, muito bom.

Enfim ele conseguiu. Ela não. Mais uma vez... Pronto, ela conseguiu. Era uma façanha. Tudo durou uns 20, 25 minutos? Pouco tempo de prazer? Uma eternidade para lombar! Ele saiu do Fusca, ou fora cuspidos pra fora.

Os repórteres lá fora: E aí, como foi?

Ele: (abotoando o vestido) Normal.

Ela: (de dentro do Fusca) Mais alguém?

Ele foi embora vendo de longe o Fusca 77 balançar novamente e sentindo que faltava algo...

Anos depois ele descobriu o que faltava.



Solano Gualda

Certas coisas nos contaminam sem que possamos perceber. Fazendo a mente ficar estranha. Criando vícios também estranhos. A mente saudável e sem vícios talvez seja a ideal. Mas quem vive sem vícios não pode amar. Mesmo com toda a inteligência e sensibilidade, anos de preparo, solidão, ou casamento. Porque a paixão também é um vício! Vício crescente e suicida. Que deixa sequelas e desamparo. Desamparo que nos torna frágeis. Sequelas que nos fazem estranhos!

Minha primeira foda foi aos 16, com alguém que não era um vício, em uma casa que não era a minha. Tapa na cara, pau na vagina, lambida nos seios, dedo no rabo. Mas ainda preso a uma antiga paixão. Uma paixão baixa, míope e de traços orientais. Vício era uma jovem virgem, e antes de me conhecer, não tinha nem tocado em um pau. Talvez por ser uma pessoa meio depressiva e solitária, ou uma filha da puta racista e reacionária. Porque santa, Vício não era.

Vício não estudava nem trabalhava, vivia trancada em casa, sentindo pena de si mesma e fugindo do mundo a sua volta. Se alienando com televisão, internet e o que mais ela pudesse. Morava com a mãe, a avó e um cara que pagava por um quarto, um ou dois andares acima do apartamento de seu avô e tia. Fazia o tipo bissexual adolescente mima-

da e egocêntrica, que faz o que quer, quando quer. Mas não vou entrar em detalhes sobre sua vida pessoal. Nem sobre o romance que tive com sua melhor amiga, também chamada Vício, ou em nossos términos, reinícios, brigas, dramas, lágrimas e esperma voando pela janela. O que importa é que Vício era uma pessoa sensível, que de todas as maneiras tentava destruir isso dentro de si; mas nunca conseguia.

Vício era uma jovem de apartamento, aparentemente comum. A todo custo protegia sua sagrada – mas não tão puritana – virgindade. Gostava de ler mangás, sabia falar inglês e ouvia música pop. Mas com o diferencial de ter um vocabulário bem sujo, ser sociofóbica e pervertida. Vício era a fórmula perfeita para minhas necessidades na época, como o virgem tarado que era. Com uma visão muito idealizada de erotismo e enxergando sensualidade em cada centímetro do corpo feminino, provar dela sem chegar ao fim, manteve tudo mágico por mais tempo. Os momentos eram mais eróticos que qualquer futura experiência sexual que tive. Vício tinha uma confusão interna muito forte e parecia refleti-la em seus desejos, fazendo dela uma completa depravada, que confundia dor e violência entre paixão e prazer, assim como eu. Foram momentos às vezes escatológicos e às vezes suaves, mas sempre levados ao extremo. Momentos como na vez em que Vício esfregou a calcinha de sua mãe em meu rosto. No dia em que fiz ela cheirar meu pau, quando estava muito sujo e fedorento. Quando ela pisou em meu rosto e enlouquecidamente lambi seu pé, chupando cada um de seus dedos. Quando me masturbou enquanto eu via pornografia. As primeiras lambidas que deu em meu pau. As

primeiras chupadas que dei em sua vagina. A vez que me espiou tomando banho e depois me enxugou dando atenção mais a umas partes que em outra. Quando me pedia pra tentar estuprá-la. Quando dava tapas em seu rosto e me fazia cara de safada dizendo coisas como “Gosta de bater em mulher, não é?” e eu dizia coisas como “Sim, gosto! Gosto muito!!” e batia de novo. Quando dormíamos juntos e eu passava a noite inteira roçando no seu rabo.

Foram vários meses de loucuras, cheiros, sabores e descobertas. Mas foram poucas as vezes que Vício liberava e, quando acontecia, eu já tinha dado três ou quatro gozadas e não tinha mais saco; ou alguma coisa ridícula simplesmente atrapalhava tudo. Como na vez que íamos finalmente dar uma engrenada e sua mãe ligou dizendo que precisava dela em casa, não lembro o porque (foi um dos momentos mais tristes de minha vida). Não pressionava ela por respeito e toda aquela merda, porque era um cavalheiro. Podia até ofender ela em excesso e fazer que pagasse a conta mais de algumas vezes, mas era um cara bacana, e nenhum outro seria tão honesto e paciente como eu. Inclusive, deixei de foder Vício 2 por respeito a ela, em várias e várias oportunidades. Vício 2 com seu corpo completamente nu e eu sem tirar uma peça de roupa, merecia um prêmio por isso, tudo o que fiz foi dar umas lambidas em sua xereca e enfiar o dedo algumas vezes, nada mais. Era um romântico idiota!

Bem, depois de muita coisa e de terminar com Vício 2 e 1, saí de várias experiências únicas, sem foder uma boceta. Provavelmente o virgem mais experiente do planeta. Demorou um tempo para me recupe-

rar das sequelas de Vício. Mas, aos poucos, consegui. Desde então, nunca mais quis fazer de meus prazeres novos vícios. Todas as novas experiências aconteciam sempre com mulheres chamadas Desejo. Inclusive Vício, passou a se chamar Desejo, e voltamos depois disso.

Logo chegou o momento. Aquele que todo mundo acha que é mais do que realmente é. O momento onde viramos apenas animais loucos e famintos, misturando a carne como selvagens, até que pequenas contrações seguidas de alívio nos fazem voltar ao que éramos. Como que em um sonho, esse momento veio sem muito aviso. Tinha uma mulher linda em minha frente, louca por sexo, chamada Desejo. Não vou falar muito sobre ela. Não direi se ela já foi Vício ou se já surgiu como Desejo, não direi sobre nossas outras fodas, sua etnia, o tamanho de seus seios, a língua que falava, altura, cheiro, a forma da sua vagina ou de que planeta era e vivia; direi apenas sobre nossa primeira transa. Porque no fim das contas ela não tinha nada de interessante, não passava de uma pessoa chamada Desejo.

O ano era ainda o mesmo, mas me sentia outro alguém. Tudo aconteceu meio rápido. Botei de todos os lados de Desejo, fui com uma velocidade quase anormal. Ela gemia, quase virando os olhos. Eu metia, metia, metia e metia. Cinco, dez, quinze, vinte, trinta, quarenta e os minutos passavam. Comecei razoavelmente animado, mas, aos poucos, fui desacelerando, o tempo passou e nada de chegar nem perto de gozar. O que seria isso? Não sabia. Estava rígido e cheio de energia, mas as coisas não iam como esperado. Não foi tão bom quanto imaginava, não era tudo o que tinham me prometido por to-

dos esses anos. Então tirei o pênis de seu corpo suado e cochichei perto do seu rosto, “Pode me masturbar?”, ela falou algo como “Claro!”, e só então aproveitei a brincadeira. Ela sacudia a mão enquanto seus seios saltavam, e eu passava os dedos por sua boceta.

Depois de tudo, já sozinho e pensando em como as coisas foram, não podia parar de refletir em como tudo foi estranho e como eu era estranho. As coisas não foram nem mal nem bem, mas me sentia um pouco enjoado. Não estava alegre como deveria. A vida parecia triste e miserável. Mas sabia que não era verdade. Porque a vida não é triste, nem alegre também, nós é que somos. Ela apenas é. Para ela, a morte não é triste, a vida não é alegre e o sexo não é romântico. Tudo apenas existe pelo simples sacrifício e prazer de existir, e no fundo, não tem nada de errado com isso, mas nem certo também. É muito idiota essa nossa mania humana de procurar sempre o que não existe. Mas precisamos disso. E de certa forma essa busca nos torna especiais. Mas para mim a busca sempre foi pela verdade, muito acima do sentido e, nesse momento, ela parecia enevoadada.

Vício me estragou de muitas maneiras, disso tinha certeza, mas, trocar um quente por uma punheta, isso foi demais. Por sorte outras vezes vieram e não foram tão estranhas. Se não tivesse metido um pé no rabo de Vício de minha vida, de uma vez por todas, teria estragado tudo o que ainda era e que hoje sou. Imagino o quanto ela ficaria feliz em me ver na merda, ou em me botar na merda. Mas nunca guardei rancor por ela. Porque se tem uma coisa que tenho certeza, é que es-

traguei muito mais a vida dela que ela a minha. Não que já não fosse uma porcaria antes.

Depois de minha relação com Desejo, voltando pra casa, caminhando devagar com um cheiro que não era meu, não pude parar de lembrar de Vício, ainda me sentindo estranho. Lembrava do seu jeito de sorrir, andar e falar. De seus gemidos, seios e língua. Nas muitas horas, dias, semanas e meses que passamos juntos. Das vezes que choramos e rimos. Lembrei que pretendíamos fazer isso juntos. Comecei a pensar que se fosse Vício, teria sido melhor. Talvez não fosse uma experiência tão insignificante e miserável. Teria tido algo especial, seria diferente. Então me senti brega e idiota, dei uma longa gargalhada e parei de pensar nisso.



Márcio Sno

Desde cedo me vejo perseguido por situações que envolviam sexo. E olha que era um menino tímido e sem malícias para os pecados do corpo.

Na infância, nos anos 80, um par de seios aparecendo na TV fazia a imaginação voar para lugares estranhos. Algumas vezes, dormia mais cedo às sextas-feiras para tentar acordar no horário da “Sala Especial” na Record que exibia filmes brasileiros que, nessa época, era sinônimo de seios à mostra (e, se desse sorte, alguns bônus). Mas quase sempre não conseguia acordar ou dormia durante as pornochanchadas.

A primeira vez que vi um nu frontal ao vivo, devia ter uns 8 anos, em um dia que brincava no quintal do meu vizinho Fofó (nunca soube seu nome real). Em algum momento da brincadeira, me levantei do chão e, de relance, olhei para dentro do quarto e testemunhei os seios fartos da mãe do coleguinha. A primeira reação foi me abaixar, mas aquela imagem não saiu da minha cabeça e, num ato de bravura e coragem, olhei novamente pela janela para reafirmar o que tinha visto. Ela já estava de sutiã e com um leve sorriso de quem tinha sacado o que estava rolando... Então, inventei que ouvi minha mãe me chamando e fui correndo pra casa. Aquele par de seios enormes me perseguiu por muito tempo, me senti culpado, envergonhado e, lá no

fundo, extasiado. Muitas vezes recusei o convite do Fofó para brincar em sua casa, mesmo tendo que abrir mão de brincar com o Ferrorrama que ele tinha e eu nunca tive.

Na pré-adolescência me juntei a outro amigo da rua, o Renato, que era uns três ou quatro anos mais velho que eu e que, de alguma forma, me ajudou a ficar mais tranquilo sobre essas questões sexuais. Seu irmão maior de idade comprava pra gente mensalmente a revista Playboy, com o dinheiro que arrecadávamos de mesadas, limpeza de quintais, lavagem de carros. O combinado era cada um ficar um ou dois dias com a revista. Povoavam em nossas fantasias musas como Magda Cotrofe, Monique Evans, Cristiana Oliveira, Sônia Lima... Uma loucura! Inclusive, nesse período, alimentei um amor platônico pela Claudia Raia, que fazia papel de uma prostituta na novela “Roque Santeiro”.

Eu achava que perderia a virgindade junto com Renato. Calma. Não é nada disso que está pensando! Juntos planejávamos “emboscadas sexuais” com uma prima dele do interior, a namorada de um vizinho e a empregada de uma casa em frente às nossas.

Nenhum plano infalível funcionou: só tínhamos papo. Porém, sempre andávamos com camisinhas nas carteiras. Vai quê, né? Mas os preservativos sempre desmanchavam sem uso algum.

Ainda não tinha o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e começamos a trabalhar cedo. Com isso, passei a estudar à noite. Logo, conheci algumas garotas que passei acompanhá-las no cami-

nho de volta pra casa. Era um ato de companheirismo e também pra alimentar a testosterona que estava em plena e constante ebulição.

Roberta era uma garota gente boa e gostava de andar de mãos dadas e até abraçada nessas voltas da escola. Isso não era privilégio meu: ela fazia isso com todos que a acompanhavam, talvez para se sentir mais segura, sei lá. Mas ela não dava confiança pra molecada, ficava só na amizade mesmo.

Um dia, as duas últimas aulas foram vagas e isso significava alegria pra todos: chegar em casa mais cedo! Quando isso acontecia, a maioria ia correndo pra casa, pra aproveitar um pouquinho da noite que restava. As meninas até abriam mão da companhia dos rapazes. Nesse dia, Roberta pediu que eu a levasse em casa. Um tanto contrariado, acabei indo.

Ficamos conversando em frente à sua casa. De repente, sua mãe apareceu no portão, dizendo que iria encontrar o namorado, e se despediu mandando um irônico “juízo, hein?” o suficiente pra me deixar desconcertado. Com a casa vazia, Roberta me convidou para conversarmos lá dentro, pois estava frio e era mais tranquilo.

Frio mesmo estava a minha barriga pois era a primeira vez, em 14 anos, que me encontrava sozinho em uma casa vazia com uma menina. Formou-se um iceberg quando ela sentou colada ao meu lado e, enquanto falava, não perdia a oportunidade de ficar apertando e acariciando minha perna. Acho que já estava suando.

Não demorou muito para que ela me agarrasse e me tascasse um profundo e forte beijo, cheio de fome e saliva. Fiquei todo anestesiado

e, aos poucos, fui cedendo às investidas, afinal, estava na cara que ela era mais experiente e mais forte que eu: me pegou de um jeito...

Quando me dei conta da situação, já estava sem camiseta e as calças nos joelhos e ela apenas de calcinha e sutiã. Minha visão estava meio turva e me deixei seduzir. Fiquei um pouco envergonhado, pois estava em um estado de ereção indisfarçável. Foi nesse momento que ela disse a frase mágica, esperada por anos: “tem camisinha?” Passou um filme na minha cabeça, lembrando das muitas camisinhas que se estragaram na minha carteira Cairê. “Hoje não! Hoje não! Hoje não vai estragar!” Num salto, peguei com orgulho na carteira a Jontex lubrificada extra-fina.

Nisso, ela se livrou do resto de suas roupas enquanto eu, de costas pra amiga, colocava a capa de látex, seguindo à risca as coordenadas que li por inúmeras vezes na embalagem de 3 unidades, mesmo com as mãos tremendo e o coração disparado.

Com o bicho encapado e tinindo, virei-me para dar andamento ao processo que já se iniciara, e dou de cara com Roberta deitada no sofá, numa pose bem parecida com a musa do mês no pôster da Playboy. Minhas vistas se escureceram, me bateu uma tontura, senti meu corpo tremendo num ritmo alucinante e, quando estava voltando a mim, estava com as mãos sobre meu órgão e minha coluna envergada. Acordei num estalo com o convite:

– E aí, vamos?

Tremendo, olhei para meu membro quase totalmente flácido e com um líquido acumulado na camisinha. Lenvantei os olhos, em câmara lenta, e só tive forças para sussurrar:

– Já fui...



Existe vida depois da primeira?

Jeann Marcus Gomes Vieira

Psicólogo e Professor de Sociologia

A pesar de toda banalização reinante em torno do sexo nos nossos dias, a sexualidade é um dos pontos mais significativos e gratificantes da vida humana. Mesmo assim, por séculos, falar de sexo e intimidade foi um tabu mantido pelo proselitismo religioso que, ainda hoje, mesmo nas escolas mais modernas, limita o assunto ao fisiologismo do corpo e à sua função reprodutiva. Tal estigma social já tinha sido apontado pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, ao declarar que “sem pecado, não teríamos nada de sexualidade, e sem sexualidade, não teríamos nada de história”.

Felizmente, há um momento na vida em que a sexualidade se torna uma realidade imprescindível. Não por uma vontade deliberadamente nossa, mas pelo próprio desenvolvimento natural que nos impulsiona à descoberta do corpo e do prazer. Ficamos sujeitos à força da libido e dos hormônios que surgem com a puberdade. Passamos a fantasiar o contato com o outro, a desejar caminhar pela estrada do desconhecido e a idealizar o momento em que a vida nos apresente o deslumbre da liberdade ou mesmo o despertar de um encantamento

ingênuo, tal como a famosa história de amor dos personagens Richard e Emmeline, no clássico filme dos anos 80, A Lagoa Azul.

Mas, qual o significado de uma primeira vez? Dependerá mesmo do ponto de vista que considerarmos esse desabrochar da sexualidade? Para muitos, a primeira vez literalmente falando é angustiante, por se tratar do mero orgasmo da masturbação. O que me faz lembrar o saudoso amigo e poeta Jurandir Mamede em seus irônicos versos: *A mulher / Com o dedo / Tem o homem. / O homem / Com a mão / Tem a mulher. / Feitiços da solidão.*

Então, uma primeira vez (sem solidão) com outro corpo junto seria satisfatória pelo conjunto? Ou bastaria a penetração? Nesse ponto, chamo atenção ao que se denomina por *genitalização* da sexualidade. Entenda-se aqui como um empobrecimento da relação sexual, por restringir o prazer a uma área específica do corpo, já que a satisfação substancialmente vem de um conjunto de sensações vividas por corpos diferentes, mentes diferentes, histórias de vidas diferentes que, se permitindo encontrar-se intensamente uma com a outra, desfrutariam de algo mágico, sublime e indescritível.

Imaginemos agora que, se um dos dois já tivesse vivenciado alguma experiência com outro alguém, assumiria naturalmente o papel de tutor numa nova ocasião. Caso não, sendo ambos literalmente virgens, poderíamos imaginar uma primeira vez como uma completa mistura de receio, curiosidade e desejo. Claro que é desnecessário explicar a curiosidade e o desejo, mas por que existiria algum receio? Talvez por conta de vivermos numa sociedade competitiva, onde não

se permite falhar ou mesmo não correspondermos às expectativas do momento. Desse modo, as dúvidas passariam a perturbar a mente dos envolvidos, somadas ao receio também de demonstrarem verdadeiramente o que estão sentindo: vergonha, insegurança, medo de se exporem ou serem abandonados, o que faz com que muitos encontrem dificuldades de falar sobre o assunto por não encontrarem facilmente alguém confiável para buscar orientação.

Todos sabem que com o tempo e com mais experiências vividas o ser humano se aperfeiçoa em suas ações. E, independente de ter sido satisfatória, gratificante, decepcionante, traumática, etc. uma primeira vez representa um evento tão esperado que a perda da virgindade já serviu de inspiração para inúmeros clássicos da literatura e filmes, a exemplo do brasileiro *Desenrola*, de Rosane Svartman [2011]. Parafraseando uma comédia também muito conhecida sobre o assunto (*American Pie*), é mesmo verdade que *A Primeira Vez é Inesquecível* [1999]. Mas, não para por aí: a própria franquia fez valer o bom discurso em torno do “quero mais” quando lançou o seu segundo filme: *A Segunda Vez é ainda Melhor* [2001].

Portanto, é bom termos em mente que se deve buscar o desenvolvimento saudável da pessoa e sua maturidade sexual, que se inicia logicamente numa “primeira vez”, não como uma sofisticação que se traduza pela simples performance a “dar conta do recado”. Afinal, o desempenho sexual não pode ser mais importante que os sentimentos e as vivências a dois. Uma plena realização sexual resulta de um modo de viver marcado pela qualidade e não pela quantidade.

Hoje, o mercado das *sex shops* oferece apetrechos aos que desejam “algo diferente”, como se o bom desempenho dependesse de uma necessidade de impressionar a si mesmo e ao outro. Afinal, consumada a “primeira vez”, seria necessário prosseguir aperfeiçoando a prática? O sábio líder espiritual Osho, em seu livro *Amor, Liberdade e Solidão*, responde em um capítulo inteiro à pergunta: *Existe vida depois do sexo?* O consagrado autor conclui que o sexo, sendo um natural aprendizado, possibilita viver a harmonia e que a pessoa cresce e amadurece através do outro. Não é quantidade mesmo.

embora tenha vivido alguns anos,

com todos os amanheceres.

foram dias e insônias de ansiedade

antes da primeira noite.

Jefferson Santana